

Elói Martins Senhoras
(Organizador)



ECONOMIA:

GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2

Atena
Editora
Ano 2022

Elói Martins Senhoras
(Organizador)



ECONOMIA:

GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Economia: globalização e desenvolvimento 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E19 Economia: globalização e desenvolvimento 2 / Organizador
Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-869-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.691222401>

1. Economia. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II.
Título.

CDD 330

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A evolução do pensamento econômico tem sido permeado pela presença de diferentes escolas, teorias e correntes desde os primordiais princípios filosóficos na Grécia, passando pela conformação da Ciência Econômica na Inglaterra, até chegarmos aos dias atuais, demonstrando que em um mundo globalizado não existe apenas uma via, mas diferentes formas de interpretação sobre o fenômeno econômico.

Tomando como referência que os pensamentos ortodoxos e heterodoxos são vivos nos campos das ideias e da realidade atual, este livro promove uma visão panorâmica sobre temas relevantes no campo epistemológico da Economia, tendo o objetivo de apresentar análises e debates que tomam como fundamentação distintos paradigmas teórico-metodológicos do pensamento econômico para interpretar a empiria dos assuntos e estudos de casos.

O ecletismo teórico-metodológico proposto nesta obra é explicitado, tanto, pela presença de um plural debate entre diferentes correntes teóricas do pensamento econômico, quanto, por diferentes procedimentos metodológicos de levantamento e análise de dados, possibilitando assim a apreensão de diferentes óticas para captação e interpretação dos fenômenos econômicos.

Caracterizado por uma natureza exploratória, descritiva e explicativa quanto aos fins e por uma abordagem quali-quantitativa quanto aos meios utilizados nas pesquisas, este livro foi estruturado por meio de distintas técnicas e métodos de pesquisa a fim de possibilitar divergentes abordagens teórico-conceituais para abordar a realidade empírica dos relatos de experiência e dos estudos de caso, assim resultando em uma pluralidade de debates.

Fruto de um trabalho coletivo e desenvolvido a várias mãos por um conjunto de pesquisadoras e pesquisadores, brasileiros e estrangeiros, os 29 capítulos deste livro fazem um imersivo convite à leitura de discussões relevantes nas áreas de Teoria Econômica, Macroeconomia, Microeconomia, Economia Internacional e Economia Política, combinando didatismo e acessibilidade.

Conclui-se que as discussões apresentadas neste livro proporcionam aos potenciais leitores a absorção de novas informações e a transdução em novos conhecimentos sobre a realidade e o pensamento econômico em um contexto de globalização permeado por diferentes paradigmas ideológicos. A obra estimula um debate eclético, plural e não discriminatório que se apresenta por meio de uma didática abordagem afeita aos interesses de um público leigo e da comunidade epistêmica da área da Economia.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

INTRODUÇÃO AO DEBATE DA ECONOMIA POLÍTICA: CONCEITOS BÁSICOS

Lázaro Camilo Recompensa Joseph

Tatiana Wonsik Recompensa Joseph

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224011>

CAPÍTULO 2..... 35

A ARQUEOLOGIA DE UM DEBATE: AS TEORIAS DO DESENVOLVIMENTO, E SUAS INFLUÊNCIAS NA CONSTITUIÇÃO DO DEBATE ENTRE LIBERAIS E DESENVOLVIMENTISTAS NO BRASIL, ENTRE OS ANOS DE 1950 E 1964

Neilaine Ramos Rocha de Lima

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224012>

CAPÍTULO 3..... 50

ALGUMAS NOTAS INICIAIS SOBRE BRASIL E NEOLIBERALISMO

Isabel Cristina Chaves Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224013>

CAPÍTULO 4..... 57

GLOBALIZAÇÃO: UM PROCESSO DE MUDANÇA ESTRUTURAL NO SISTEMA INTERNACIONAL? ALGUMAS REFLEXÕES

Virgilius de Albuquerque

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224014>

CAPÍTULO 5..... 66

A IMPORTÂNCIA DO MERCADO FINANCEIRO PARA O COMÉRCIO INTERNACIONAL NOS PARAÍSOIS FISCAIS: RECOMENDAÇÕES PARA MOÇAMBIQUE

Zacarias Bernabé Nguema

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224015>

CAPÍTULO 6..... 84

TEORIA DA CARTEIRA DE MARKOWITZ: APLICABILIDADE DO MODELO CAPM (CAPITAL DE MODELO DE RECTIFICAÇÃO DE ACTIVOS) NO COMPORTAMENTO DOS INVESTIDORES NO MERCADO FINANCEIRO MOÇAMBICANO (2010-2020)

Shayra Alberto Xavier Constantino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224016>

CAPÍTULO 7..... 94

O ESTADO DE ENQUADRAMENTO DA DIVIDA PÚBLICA “DIVIDAS OCULTAS” NO MERCADO DE CAPITAIS E O SEU CONTRIBUTO NO DESENVOLVIMENTO ECÔNOMICO DE MOÇAMBIQUE (2010-2020)

Daniel Fernando Sibinde Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224017>

CAPÍTULO 8..... 105

A SUSTENTABILIDADE DA DIVIDA PUBLICA DO MERCADO DE CAPITAIS EM MOÇAMBIQUE: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E SOLUÇÕES (2010-2020)

Dalmázia de Fátima Vicente

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224018>

CAPÍTULO 9..... 119

POLÍTICA MONETÁRIA EM MOÇAMBIQUE: UM ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A EFICIÊNCIA DOS INSTRUMENTOS DA POLÍTICA MONETÁRIA ADOPTADAS EM MOÇAMBIQUE (2010-2020)

Atumane Jacinto José Nanvarra

Viegas Wirssone Nhenge

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6912224019>

CAPÍTULO 10..... 129

LOS EFECTOS DE LA SUBIDA DEL DÓLAR EN MÉXICO EN LA PRODUCCIÓN LA ECONOMÍA Y LA SOCIEDAD

Víctor Manuel Piedra Mayorga

Rafael Granillo Macías

Miguel Ángel Vázquez Alamilla

Raúl Rodríguez Moreno

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240110>

CAPÍTULO 11..... 141

INTERAÇÕES ECONÔMICAS ENTRE BRASIL E APEC: UMA ANÁLISE DE DIVERSIFICAÇÃO DA PAUTA COMERCIAL

Sarah Geciellen Cabral Braz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240111>

CAPÍTULO 12..... 157

BARREIRAS COMERCIAIS SOBRE A SOJA E A CARNE BRASILEIRAS: CENÁRIOS DE EMBARGOS DA CHINA, UNIÃO EUROPEIA E ESTADOS UNIDOS

Adriano Marcos Rodrigues Figueiredo

Mayra Batista Bitencourt Fagundes

Leonardo Francisco Figueiredo Neto

Cláudio Eurico Seibert Fernandes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240112>

CAPÍTULO 13..... 178

DOS CONCEPCIONES ENTRE LAS EMPRESAS RECUPERADAS POR SUS TRABAJADORES. DISPUTAS FORMATIVAS POR EL SENTIDO DE LA AUTOGESTIÓN EN LA TRAYECTORIA DE IMPA

Ramon Rodrigues Ramalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240113>

CAPÍTULO 14	194
EL COMERCIO ELECTRÓNICO GLOBAL COMO UNA OPCIÓN PARA EL DESARROLLO DE LA ECONOMÍA SOCIAL Y SOLIDARIA Y EL COOPERATIVISMO EN MÉXICO	
Luz Elvia Garcia Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240114	
CAPÍTULO 15	204
AGLOMERAÇÕES PRODUTIVAS AGRÍCOLAS E NÃO AGRÍCOLAS NO MEIO RURAL PIAUIENSE	
José Edson Rodrigues Júnior Edivane de Sousa Lima	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240115	
CAPÍTULO 16	220
ANÁLISE COMPARATIVA DAS ESTRATÉGIAS DE <i>MARKETING MIX</i> ADOTADAS EM TRÊS MERCADOS DE PROXIMIDADE AGROECOLÓGICOS	
Heliene Macedo de Araújo Marta Cristina Marjotta-Maistro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240116	
CAPÍTULO 17	242
APICULTURA EM ÁREA DE RESERVA LEGAL COMO FORMA DE DIVERSIFICAÇÃO ECONÔMICA NA AGRICULTURA FAMILIAR	
Mariane Rodrigues da Vitória	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240117	
CAPÍTULO 18	252
UMA ANÁLISE EMPÍRICA E DOCUMENTAL SOBRE O ESTADO DE IMPLEMENTAÇÃO DA ECONOMIA VERDE EM MOÇAMBIQUE: REALIZAÇÕES, DESAFIOS E PERSPECTIVAS (2010-2020)	
Kayle Chaves Rustangy Viegas Nhenge	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240118	
CAPÍTULO 19	263
DESARROLLO HUMANO Y CAÍDA DE PIB PROVOCADA POR EL COVID-19: PAÍSES CON ALTO Y BAJO DESARROLLO	
Imelda Ortiz Medina Pedro Plata Pérez Jorge Martínez Pérez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240119	
CAPÍTULO 20	272
O PÓLO DE IMPERATRIZ: CARACTERIZAÇÃO E PERSPECTIVAS	
Edgar Oliveira Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240120	

CAPÍTULO 21.....298

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DAS VÍTIMAS DE ACIDENTES DE TRANSPORTE TERRESTRE NO BRASIL E PERNAMBUCO A PARTIR DE MICRODADOS DA PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE – 2013

Josicleide Montenegro da Silva Guedes Alcoforado

Ana Carla Silva Alexandre

Idalacy de Carvalho Barreto

Irla Maria Vidal de Souza Medeiros

José Ricardo Bezerra Nogueira

Patricia Rejane Ribeiro Bispo

Nelson Miguel Galindo Neto

Guilherme Guarino de Moura Sá

Deisyelle Magalhães Barbosa

Débora Montenegro da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240121>

CAPÍTULO 22.....312

ANÁLISE DA RELAÇÃO ENTRE GASTO PÚBLICO PER CAPITA EM SAÚDE E A TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL NAS QUATRO MACRORREGIÕES DE SAÚDE DO ESTADO DE PERNAMBUCO NO PERÍODO E 2008 A 2012

Harley Davidson Rocha de Lima

Moacyr Jesus Barreto de Melo Rego

Rodrigo Gomes de Arruda

Tatiane Almeida de Meneses

Maira Galdino da Rocha Pitta

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240122>

CAPÍTULO 23.....329

INVESTIMENTO PRIVADO: EVOLUÇÃO TEÓRICA E HISTÓRICA NO BRASIL

Tiago Wickstrom Alves

Emanuelle Nava Smaniotto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240123>

CAPÍTULO 24.....353

PREVISÃO DE FALÊNCIA E PERFORMANCE: A INFLUÊNCIA DA CERTIFICAÇÃO DE QUALIDADE NAS EMPRESAS PORTUGUESAS

Cândido Jorge Peres Moreira

Mário Alexandre Guerreiro Antão

Pedro Miguel Baptista Pinheiro

Domingos Custódio Cristóvão

Catarina Carvalho Terrinca

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240124>

CAPÍTULO 25.....365

O IMPACTO SÓCIO-ECONÓMICO DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO SAL MARINHO EM MOÇAMBIQUE: O CASO DA CRISE DO MERCADO DO DISTRITO DA

ILHA DE MOÇAMBIQUE

Octávio Francisco Xavier Uaite

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240125>

CAPÍTULO 26.....381

TURISMO REGIONAL Y MERCADO LABORAL: LA FUNCIÓN DE LA AGENCIA DE VIAJES COMO UNIDAD ECONÓMICA (2003-2010)

Laura Isabel Tottino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240126>

CAPÍTULO 27.....397

REDES SOCIAIS E PERFORMANCE ELEITORAL: UMA ANÁLISE DAS ELEICOES DE 2018 PARA GOVERNADOR

Paulo Henrique Rocha de Souza

Francisco Antonio Sousa de Araujo

Paulo de Melo Jorge Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240127>

CAPÍTULO 28.....411

SMART CONTRACTS: O REINVENTAR DO DIREITO CONTRATUAL NA ERA TECNOLÓGICA

Mateus Catalani Pirani

Emily Romera Fagundes

Julia Gothard Ribeiro da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240128>

CAPÍTULO 29.....423

A RELAÇÃO DO CONSUMIDOR COM OS GAMES: FORTNITE, UM ESTUDO DE CASO

Felipe Casteletti Ramiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.69122240129>

SOBRE O ORGANIZADOR.....434

ÍNDICE REMISSIVO.....435

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO AO DEBATE DA ECONOMIA POLÍTICA: CONCEITOS BÁSICOS

Data de aceite: 10/01/2022

Lázaro Camilo Recompensa Joseph

Universidade Federal de Santa Maria

Tatiana Wonsik Recompensa Joseph

Universidade Federal de Santa Maria

RESUMO: O trabalho a seguir foi elaborado com o intuito de levar aos alunos/alunas dos Cursos de Ciências Sociais, Agronomia, Serviço Social, de Economia e cursos afins, uma síntese dos conceitos básicos que envolvem o pensamento e raciocínio de Karl Marx. Deste modo, o material a seguir foi organizado didaticamente, de modo a oferecer ao leitor/leitora, progressivamente, as ideias em torno das quais se alicerçaram os conceito-chaves de uma das principais obras do pensamento econômico dos últimos dois séculos. Ao longo dos seis tópicos elaborados com a finalidade de tornar acessível a compreensão lógica do raciocínio de Marx na sua obra *O Capital*, conta-se com o apoio de outros autores clássicos como Engels, Lênin, Adam Smith, entre outros destacados pensadores.

PALAVRAS-CHAVE: Excedentes pagas.

1 | INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir foi elaborado com o intuito de levar aos alunos/alunas dos Cursos de Ciências Sociais, Agronomia, Serviço Social, de Economia e cursos afins, uma

síntese dos conceitos básicos que envolvem o pensamento e raciocínio de Karl Marx. Deste modo, o material a seguir foi organizado didaticamente, de modo a oferecer ao leitor/leitora, progressivamente, as ideias em torno das quais se alicerçaram os conceito-chaves de uma das principais obras do pensamento econômico dos últimos dois séculos. Ao longo dos seis tópicos elaborados com a finalidade de tornar acessível a compreensão lógica do raciocínio de Marx na sua obra *O Capital*, conta-se com o apoio de outros autores clássicos como Engels, Lênin, Adam Smith, entre outros destacados pensadores.

No primeiro tópico faz-se uma exposição do processo do conhecimento do homem primitivo ao homem da sociedade de classes e o aparecimento da ideologia. Isto nos permite entender que nas diferentes formas da consciência social estão presentes tanto elementos cognitivos como ideológicos.

No segundo tópico trazemos os conceitos filosóficos básicos que permeiam todo o discurso recolhido no método utilizado por Marx, destacando sucintamente que é materialismo filosófico, que é materialismo dialético e que é materialismo histórico deixando claro que esta classificação enquanto ao método (materialismo histórico e dialético) é meramente didática porque o método utilizado por Marx constitui um processo mental integral que se desenvolve na consciência dos homens.

A seguir explicamos como Marx explica o desenvolvimento da história da humanidade a partir do conceito de modo de produção e das próprias contradições que lhes são inerentes. No item quatro explicamos o método da Economia Política (que são as abstrações científicas), no meu modo de ver o item mais complexo dentro do texto, uma vez que o próprio Marx está interessado em elaborar uma nova teoria econômica com um método próprio e correto de formulação do conhecimento: precisamente o método das abstrações científicas utilizado na suas análises no Capital. Posteriormente explicamos o objeto de estudo e a definição da Economia Política assim como os novos conceitos modernos de Economia e suas implicações.

Entendemos que uma boa leitura e análise deste trabalho deixará aos alunos, alunas, pesquisadores e pesquisadoras, e todos aqueles interessados em condições favoráveis e amenas para entender esta obra de Marx.

21 O QUE É IDEOLOGIA: E COMO MARX ENFOCA A IDEOLOGIA

Para poder entender o que significa ideologia, deve-se partir da primeira grande divisão existente entre o trabalho individual e o trabalho (material) físico, que é quando realmente aparece a ideologia. (Ver Marx. A Ideologia alemã. 1846).

Segundo Marx e Engels, essa divisão se produz quando aparece a sociedade de classes, isto é, a sociedade “dos amos” e “os escravos” sendo os últimos os que realizam o trabalho duro enquanto os amos dedicam-se a pensar, a elaborar ideias.

Sendo assim, a consciência desvincula-se da vida prática e aparece (a consciência) como algo independente do mundo real, começando assim a distorção dessa realidade: isto é, aparece a ideologia como reflexo e/ou apresentação do mundo, distorcida pelos interesses da classe dominante.

Para entender quando se produz esta divisão entre o trabalho físico e o intelectual e (aparece) a sistematização da ideologia, deve-se explicar quais (são) as formas primitivas do pensamento do homem. Ou seja, como se produz no homem a nomeada **concepção mítico mágica**, isto é, a primeira forma de reação que possui o homem ante os fenômenos do mundo. (Ver texto de Engels intitulado Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã. 1886).

Para entender esta concepção mítico mágica se faz necessário oferecer alguns elementos de como se produz o processo de conhecimento.

Como o homem conhece¹?

Primeiro: através dos seus sentidos, os quais oferecem ao homem por meio da prática o nomeado conhecimento concreto sensível. Por exemplo, estamos ouvindo agora o barulho do ventilador, vendo a luz do retroprojetor, as cores da sala de aula etc., tudo isto é conhecimento concreto sensível, conhecimento próprio do animal em geral: capacidade

¹ Este item foi desenvolvido utilizando o texto de GARCIA G. Elementos de Filosofia Marxista. Editora: Gente Nueva. 1981.

de reconhecer os dados do mundo sensível através de um processo básico.

Porém quando junto com o homem aparece a linguagem e o trabalho em sociedade, ele é capaz de dar um “salto (pulo)” no progresso do conhecimento e esse salto dá origem ao que se conhece como conhecimento racional ou pensamento.

Sendo assim, pode-se argumentar que o conhecimento racional ou pensamento é um processo vinculado ao desenvolvimento da linguagem e, portanto, ao desenvolvimento do trabalho.

Sintetizando: o trabalho, a vida social e a linguagem são os que geram o pensamento, as ideias. A seguir explicaremos como se produz esse fenômeno.

Esse processo se dá, através do que os especialistas em teoria do conhecimento chamam de **generalização e abstração**.

Desde que o homem começa a observar a natureza (isto é, o mundo que o circunda) percebe que existem certos seres e fenômenos parecidos e ao mesmo tempo vai encontrando neles também diferenças. A esse processo, através do qual o homem vai eliminando as coisas que não são comuns e vai retendo (arquivando e/ou ficando) aquelas que são iguais para todos os casos, chama-se de abstração.

Assim, via generalização e abstração, o homem acaba por distinguir um animal, por exemplo, um cachorro de outro animal, o cavalo, o leão etc. E através da linguagem dá o nome: cavalo, cachorro, leão etc., e aparece o que se nomeia de **ideia** ou **conceito**.

O conceito é o primeiro elo do pensamento. Porém o conceito não existe como um fato independente, ou seja, quando dizemos cão ou cachorro isso é um conceito, mas existem diferentes tipos (raças) de cachorro e de cada tipo (raças) obtém-se o que tem em comum. É este processo que permite se compreender, por exemplo, um termo como “cachorrada”: aquilo sobre o que há algo de comum a todos os cachorros.

Ou seja, não existe o que se nomeia de cachorro em abstrato, existe como ideia na minha mente e a exprimo através da linguagem: cão/cachorro (em latim se dizia can, em inglês se diz dog, em árabe kalb, em espanhol perro, em russo zavaka). Sempre faz falta uma palavra para exprimir uma ideia.

Assim aparece o primeiro degrau do que chamamos o pensamento, o qual não se limita ao concreto sensível senão, aquilo que está na ideia do homem.

O segundo degrau do processo de pensamento chama-se de **juízo**. O qual permite relacionar as ideias, porque se eu digo (falo) rosa e observo que existem outras coisas parecidas à rosa, porém apresentam outras qualidades em comum como o perfume, cor, cheiro, etc., então vem o que nomeamos de flor e posso dizer: “esta rosa é uma flor” como posso dizer “este cavalo é um quadrúpede” ou “este peixe é um vertebrado”.

Posteriormente o processo da mente articulando uns juízos com outros, chega ao **raciocínio**. Por exemplo, até agora a história tem demonstrado que todos os homens que existiram têm ido morrendo, os mais velhos que eu, meu pai, meus tios etc., morreram. Todos os homens que tenho conhecido tanto na história como na própria vida morrem e

posso chegar assim à conclusão de que “todos os homens são mortais” e a esse processo nomeia-se de raciocínio.

O raciocínio pode ser do particular ao geral e chama-se de **indutivo** como no caso anterior ou pode-se gerar ao inverso, do universal ao particular: todos os homens são mortais, eu sou homem, eu também devo de morrer. Esse é um raciocínio **dedutivo**.

Esse processo de (conhecimento do homem) completa-se com as chamadas **hipóteses**, na qual baseado em alguns fatos reais lança-se uma ideia do que pode acontecer. Ou seja, observando a relação existente entre dois fenômenos do qual um produz ao outro em determinadas circunstâncias, chega-se a estabelecer o que se nomeia de **lei**. E através do conhecimento dessas leis elaboram-se as **ciências, as teorias, as doutrinas**.

Enfim, a todo esse processo chama-se de **conhecimento racional**, processo ligado à **linguagem, ao trabalho, à técnica** que vai desenvolvendo a sociedade. Vejamos a Figura 1 como um exemplo resumido desse processo.



Figura 1. Representação gráfica do processo de conhecimento do homem.

Elaborado pelo autor

Os elementos colocados até aqui são necessários para poder explicar como foi o **processo do conhecimento** do homem primitivo ao homem da sociedade de classes e o **aparecimento da ideologia**.

Ou seja, no homem primitivo, quando ainda não havia desenvolvido o conhecimento das relações de causa e efeito nas explicações sobre os fenômenos reais do universo, esta falta de conhecimento sobre as causas que geravam os fenômenos da natureza

produzia nele um reflexo distorcido da realidade. Por exemplo, como explicar uma pedra que, descolada do morro, o golpeia; ele ainda não tinha descoberto a lei da gravidade de Newton, assim tinha que procurar uma causa para explicar esse fenômeno e era atribuída a uma entidade desconhecida que queria lhe fazer dano.

Similarmente, como explicar os raios e as tempestades: acreditava-se que existia um espírito nas nuvens que lançava o raio. Assim surge no homem primitivo a crença nos poderes sobrenaturais, a crença de que tudo tem “alma”, porque quando o homem dorme e sonha acreditando que estava pescando no rio, e acorda e se olha na caverna (na gruta), se diz: “então existem dois eus, um que está pescando no rio e outro na caverna.

Surgiu a crença de que existiam certos homens no grupo que tinham poderes e que poderiam ajudar ao grupo nos momentos de crises porque tinham relação com os poderes sobrenaturais, os chamados curandeiros, feiticeiros, xamãs. Hoje em dia temos os pais de santos, os padres, o mestre espírita entre outros. Lembrar que a gente vai ao médico porque acredita na ciência e não nas crenças.

Assim surge **a religião**, a partir do momento em que existe uma sociedade de classes e o bruxo, o xamã etc., deixam de ser os representantes do grupo vinculando-se (a essa sociedade) como sacerdotes da classe dominante.

Sistematizando-se e aparecendo a religião organizada como um corpo sacerdotal, com o mito da origem do mundo, com o conjunto de verdades que pretendem ser indiscutíveis conhecidos como dogmas e com toda uma série de práticas que recebem o nome de cultos.

Desta forma surgem as primeiras manifestações ideológicas, as quais separam-se dentro do corpo social daquelas primitivas concepções míticas mágicas na qual estavam implícitas, de forma nebulosa, a moral, o direito, a ciência, as crenças.

Ou seja, quando aparece a sociedade de classes surgem as chamadas formas da **consciência social** e aí é que aparece **a ideologia**. (Ver GARCIA G. 1981, pag. 23)

Sendo assim, as principais formas da consciência social são:

- 1) A forma política
- 2) A jurídica
- 3) A ética ou moral
- 4) A religiosa
- 5) A filosófica
- 6) A estética
- 7) A científica

O ideológico das formas de consciência social

O **juízo** que qualquer um emita, e que contenha em seu bojo aquilo que o afeta

(mesmo) é um juízo de valor e constitui a base da ideologia.

Por exemplo, os inimigos do socialismo em geral atacam o(s) país(es) a partir das dificuldades colocando e criticando: a escassez de produtos (medicamentos, alimentos, carros etc.), as restrições às liberdades individuais, entre outras. Só que antes da revolução o povo não as possuía e os únicos que desfrutavam dos excedentes eram os ricos, e com a revolução todos os recursos foram distribuídos de forma tal que todos possam ter algo.

Assim existem dois tipos de juízos: juízos de realidade e juízos de valor. No primeiro o juízo expõe o que existe objetivamente e serve de base à ciência; já o juízo de valor revela aquilo que pode afetar o indivíduo como parte de uma classe social. Nesse caso é ideologia.

Em definitiva, ideologia é aquela parte das ideias em que se manifesta (ou exprime) como estas afetam aos indivíduos e, portanto, às classes sociais e aos problemas da vida em sociedade: o direito, a moral etc.

Percebe-se que a ideologia está representando sempre (em última instância) duas posições contrapostas: a daqueles que querem que a sociedade avance a formas superiores de organização e a daqueles outros que não desejam que a sociedade avance, porque seus interesses de classes chocam com o avanço social. Isso é assim desde que apareceu a primeira sociedade de classes.

A crítica feita pelo sistema capitalista à hipotética restrição das liberdades individuais é enunciada como uma forma superior do sistema capitalista em relação ao socialismo, quando de fato é uma ilusão que encobre o valor superior de uma sociedade equilibrada (socialismo) em que um direito individualista não pode estar em detrimento dos direitos de todos.

Assim os especialistas afirmam que cada forma da consciência social apresenta **elementos cognitivos** e **elementos ideológicos**. Quando dizemos elementos cognitivos estamos nos referindo a juízos de realidades; quando dizemos elementos ideológicos, estamos expressando geralmente juízos de valor.

A religião², do ponto de vista dos rituais públicos e das crenças simbólicas levadas a uma interpretação literal, é a que possui menos elementos cognitivos, ou seja, é pura ideologia. O único que pode encontrar-se como elemento da realidade na religião católica é a existência de uma estrutura administrativa com um papa, bispos etc.

O direito e a política apresentam um equilíbrio (mais ou menos) de elementos cognitivos e de elementos ideológicos; na verdade o direito vai se construindo através da história, começa por ser costume (de um povo) e depois “os costumes viram leis” e desta forma gera-se o direito. Ou seja, começa por ser um costume na época primitiva em que os conflitos eram resolvidos pela pura violência, logo vem o Código de Hammurabi na Babilônia, o Manu da Índia e assim vai.

Por exemplo, o que começou como costume no caso da união entre o homem e a

² Tomamos aqui uma síntese a partir do pensamento filosófico exposto por Gaspar Jorge Galló (1981), p. 24.

mulher terminou por ser uma lei através do matrimônio civil etc.

Na realidade as obrigações do direito sempre permaneceram vinculadas aos interesses da classe que ocupa o poder. Segundo Garcia G. (1981, pag. 27) no próprio *Código de Hammurabi*, um dos primeiros da sociedade escravista, já apareciam uma série de preceitos nos quais se notava o trato diferenciado para os amos e os escravos, mesmo que constituísse um código de leis.

O Código de Hamurabi, o qual pode ser escrito Hamurábi ou Hammurabi, representa conjunto de leis escritas, sendo um dos exemplos mais bem preservados desse tipo de texto oriundo da Mesopotâmia. Acredita-se que foi escrito pelo rei Hamurábi, aproximadamente em 1700 a.C. Foi encontrado por uma expedição francesa em 1901 na região da antiga Mesopotâmia correspondente à cidade de Susa, atual Irã.

É um monumento monolítico talhado em rocha de diorito, sobre o qual se dispõem 46 colunas de escrita cuneiforme acádica, com 282 leis em 3600 linhas. A numeração vai até 282, mas a cláusula 13 foi excluída por superstições da época. A peça tem 2,25 m de altura, 1,50 metro de circunferência na parte superior e 1,90 na base.¹

A sociedade era dividida em três classes, que também pesavam na aplicação do código:

- a) Awilum: Homens livres, proprietários de terras, que não dependiam do palácio e do templo;
- b) Muskênium: Camada intermediária, funcionários públicos, que tinham certas regalias no uso de terras.
- c) Wardum: Escravos, que podiam ser comprados e vendidos até que conseguissem comprar sua liberdade.

Pontos principais do código de Hamurabi:

- lei de talião (olho por olho, dente por dente)
- falso testemunho
- roubo e receptação
- estupro
- família
- escravos
- ajuda de fugitivos

Exemplo de uma disposição contida no código:

Art. 25 § 227 - “Se um construtor edificou uma casa para um Awilum, mas não reforçou seu trabalho, e a casa que construiu caiu e causou a morte do dono da casa, esse construtor será morto”.

O objetivo deste código era homogeneizar o reino juridicamente e garantir uma cultura comum. No seu epílogo, Hamurabi afirma que elaborou o conjunto de leis “para que

o forte não prejudique o mais fraco, a fim de proteger as viúvas e os órfãos” e “para resolver todas as disputas e sanar quaisquer ofensas”. (Ver GARCIA G. 1981, pag. 28)

3 I ALGUNS CONCEITOS BÁSICOS DE MATERIALISMO FILOSÓFICO

a) O Método na teoria de Marx: Que é materialismo³: dialético e histórico?

A base filosófica do marxismo é o **materialismo**, entendido como corrente da filosofia, cujo método de análise é a **lógica dialética**, contraposta ao idealismo, base filosófica da ciência não marxista, que utiliza a **lógica formal** como método de análise.

A lógica, do grego *logos*, significa “palavra”, “expressão”, “pensamento”, “conceito”, “discurso”, “razão”. A lógica que se ocupa da razão e do pensamento investiga a validade dos argumentos e dá regras do pensamento correto. A lógica, é, portanto, uma disciplina propedêutica, é o vestibulo da filosofia, ou seja, a antessala, o instrumento que permite o caminhar rigoroso do filósofo ou cientista.

Aristóteles subdividiu a lógica em *lógica formal* e *lógica material*:

a) A **lógica formal** (ou menor), estabelece a forma correta das operações do pensamento. Se as regras forem aplicadas adequadamente, o raciocínio é considerado válido ou correto.

b) A **lógica material** (ou maior), parte da lógica que trata da aplicação das operações do pensamento segundo a matéria ou natureza dos objetos a conhecer.

Enquanto a lógica formal se preocupa com a natureza do pensamento, a lógica material investiga a adequação do raciocínio à realidade. É também chamada metodologia e, como tal, procura o método próprio a cada ciência.

A **lógica dialética** não faz desaparecer a lógica formal. Esta continua existindo no âmbito restrito das correlações imediatas que partem da observação direta dos fatos ou quando atingimos as leis do método experimental. Então explicamos o mundo pela causalidade linear, característica do mundo mecânico típico da ciência clássica.

A lógica formal se torna insuficiente quando é preciso passar para um grau superior de generalidade, onde existem as categorias de totalidade e de relações recíprocas. Com o progresso da física, o pensamento científico se volta para os fenômenos relacionados com a estrutura íntima da matéria, os quais não mais são explicados pelas relações clássicas de causalidade formal. O mesmo ocorre com os fenômenos de outras ciências que introduzem a ideia de processo. É aí exatamente que a lógica formal se torna insuficiente devendo ser substituída.

Entretanto, em outro aspecto, a lógica formal continua sendo válida: enquanto a produção da ideia é dialética, sua expressão é sempre formal.

“O que é pensado dialeticamente tem que ser dito formalmente, pois se acha

³ Esta classificação enquanto ao método (materialismo histórico e dialético) é meramente didática porque o método utilizado por Marx constitui um processo mental integral que se desenvolve na consciência dos homens.

subordinado às categorias da linguagem, que são formadas por força de sua constituição social de sua função como instrumento criado pelo homem para a comunicação com os semelhantes". (VIEIRA PINTO apud ARANHA, 1994:91)

Na atualidade existe um domínio absoluto do idealismo e da lógica formal no *establishment* científico das sociedades capitalistas, projetando-se ademais nos modos de pensar do senso comum em geral.

Isto posto, explica-se a inferioridade numérica do materialismo e dos pesquisadores marxistas nestes meios, compreende-se não só a dificuldade de apreensão das particularidades da filosofia e do método marxistas, mas também a possibilidade da sua apreensão distorcida pela influência dominante de um modo de pensar em tudo oposto a eles.

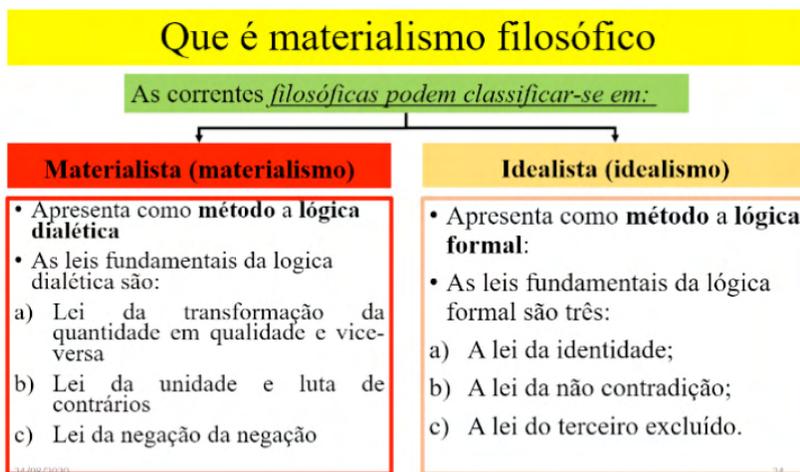


Figura 2 Classificação das principais correntes ideológicas.

Fonte: MUNDIM R. A Lógica Formal, princípios elementares. Em: Economia & Gestão, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 135-145, jan./jun. 2002. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/113>. Acesso 24/08/2020.

As leis fundamentais da lógica formal são três:

- 1) A lei da identidade;
- 2) A lei da não contradição;
- 3) A lei do terceiro excluído.

A **lei da identidade** (*identitatis principium*) declara que: **A é A** (*omnisubjectusest praedicatum sui*), ou **A=A**.

A **lei da não contradição**, **A** não é um **não-A**, é nada mais do que a forma negativa da primeira lei. (1)

De acordo com a **lei do terceiro excluído** (*principium exclusi tertii*), duas proposições

contraditórias, mutuamente exclusivas, não podem ser ambas verdadeiras. Na verdade, ou **A é B**, ou **A não é B**. Se uma dessas proposições é verdadeira, a outra é necessariamente falsa; e vice-versa. Não há, e nem poderia haver, qualquer outra solução.

Sendo assim, a lógica formal é metafísica e raciocina com o **Princípio da Identidade**. Todas as coisas são sempre idênticas a si mesmo, Nada muda. Congelam-se. Eternizam-se.

O seu método de análise é o **silogismo**, que consiste em se estabelecer uma premissa maior, a onde se insere uma premissa menor e o resultado é uma conclusão necessária. Um exemplo clássico: seja a premissa maior, TODO HOMEM é MORTAL e a premissa menor: EU SOU HOMEM. A conclusão é inquestionável - EU SOU MORTAL.

Esses conceitos quando colocados na luta de ideias, a **lógica formal**, por ser mais simples, direta, “coerente”, tende a levar vantagem sobre a **lógica dialética**. É mais fácil dizer que **A é A** e nunca pode ser **B** do que explicar, por exemplo, **que vida e morte fazem parte de uma única realidade e que a lei da unidade e luta dos contrários explica esse aparente absurdo**.

Da mesma forma, a luta entre o senso comum e o conhecimento científico não é brincadeira. A oposição entre o conhecimento científico e o senso comum está no fato de o senso comum ser, meramente empírico, acrítico, passivo, assistemático, ametódico, aparente, subjetivo, superficial, particular, prático, utilitário.

Enfim a deficiente apreensão do método teórico de Marx reflete-se, em primeiro lugar, em deficiências metodológicas na produção teórica marxista, e adicionalmente na pequena frequência de textos que abordam os problemas do método. Na literatura econômica brasileira, em que a produção de base marxista comparece modestamente, esta insuficiência é obviamente mais acentuada.

Que é **materialismo filosófico**?

Problema primordial da filosofia é **o da relação entre o ser e o pensar, isto é, a matéria e a consciência**.

Segundo a solução que dão a este problema todas as correntes filosóficas se classificam em dois campos:

- a) Materialismo
- b) Idealismo.

Materialismo: É uma corrente filosófica, que reconhece a matéria como o primário e a consciência, o pensar, como secundário e que a **dialética** é a ciência das leis do desenvolvimento.

Destaca que: a **matéria** está em contínuo movimento, cambio (mudança), desenvolvimento e que este desenvolvimento se produz segundo lei(s): *lei da unidade e luta de contrários, lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa, lei da negação da negação, lei do fenômeno e da essência, lei da forma e do conteúdo, do*

universal e o particular etc.

É uma concepção científica do mundo cujo fundamento é: a natureza orgânica e inorgânica, a sociedade e nós mesmos com todo o que nos circunda **é material**. Isto significa que o único mundo que existe é o mundo material, não há outro mundo e este mundo material é eterno, infinito e único, está em constante movimento e cambia (muda) conforme a leis.

Criando a teoria materialista dialética, Marx e Engels romperam a limitação histórica das ideias metafísicas sobre a matéria, ideias que caracterizaram toda a filosofia materialista precedente. Demonstraram que a própria matéria contém em si a fonte do movimento.

Marx e Engels fundamentaram a tese de que **a consciência é um produto do desenvolvimento da matéria, uma propriedade da matéria altamente organizada.**

Marx escreve: *“Não se pode separar o pensamento da matéria pensante. A matéria é o sujeito de todas as transformações.”* (F. Engels. Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, ed. russa, E. P. E., 1952, pág. 9; ver ed. bras., Ed. Horizonte, Rio 1945, pág. 18)

Engels afirma: *“(...) Nossa consciência e nosso pensamento, por mais transcendentem que nos pareçam, são produtos de um órgão material, corporal, o cérebro.”* (F. Engels. Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica «lema, ed. russa, 1952, pág. 19).

b) **Conceito de MATERIA.**

V. I. Lênin no seu livro Materialismo e Empiriocriticismo. Obras completas Tomo. 14, pag. 120 define a matéria: (...) *“A matéria é uma categoria filosófica que designa a realidade objetiva dada ao homem em suas sensações, que a copiam, fotografam e refletem sem que sua existência lhes esteja subordinada.”*(...) *Matéria é o que, atuando sobre nossos órgãos dos sentidos, produz a sensação; a matéria é a realidade objetiva, que nos é dada nas sensações, etc.”.*

Devemos destacar vários elementos importantes dentro de esta definição: primeiro categoria filosófica é um conceito geral porque a filosofia é entendida (pelos marxistas) como a ciência das leis mais universais da natureza, a sociedade, o conhecimento e o pensamento. Ou seja, abrange a todos os tipos de matéria sejam substâncias, rochas, campos magnéticos, luz, o Sol, a vida, as células do corpo humano, o som, a sociedade humana etc.

Dito de outro modo, é uma categoria filosófica que o abarca tudo menos o conhecimento, o pensamento, as ideias, as concepções, os sentimentos, as teorias etc., *que são resultado do reflexo do mundo material na consciência dos homens.*

Segundo a definição de Lenin resolve o mais importante de todos os problemas filosóficos, qual é o primário o ser ou o pensar, ou seja, a matéria ou a consciência. Entendamos melhor:

Se nós dizemos que a matéria é reflexo de nossas sensações e que existe independentemente delas, chegamos à conclusão de que a matéria é o primário e as sensações, a consciência, é o derivado.

Terceiro: a definição de matéria que nos oferece Lenin resolve também outra questão do problema fundamental da filosofia: quais são as relações entre o ser e o pensar? É possível conhecer o mundo? Por que se resolve esse problema?

Bom, o resolve enquanto afirma que nossas sensações refletem a matéria, quer dizer, o mundo que nos circunda. Isto tem sido comprovado pela prática sócio histórica, ou seja, pela história humana através de milhares e milhares de anos. Se os homens não pudessem conhecer a realidade que os circunda como poderiam ter subsistido e desenvolver-se?

O **movimento** é o modo de existir da matéria. O que significa que todas as formas que a matéria adota desde o Sol até a mínima partícula material estão sempre em movimento.

Engels colocou cinco formas do movimento da matéria. (Ver F. Engels. Dialética da Natureza, ed. russa, 1952)

- 1) Movimento mecânico
- 2) Movimento químico
- 3) Movimento físico
- 4) Movimento biológico
- 5) Movimento social:

No movimento social, por exemplo, o passo das formações socioeconômicas desde a comunidade primitiva até o comunismo é uma forma de movimento. Ou seja, **o desenvolvimento da produção material, a vida econômica etc., é uma forma complexa de movimento na vida social dos homens.**

E a relação existente entre o movimento e a energia é que esta última constitui uma expressão do movimento.

Espaço e tempo: O espaço é uma forma objetivamente real da existência da matéria. O conceito de espaço exprime a coesão das coisas e o afastamento entre si, a sua extensão e a ordem em que estão dispostas umas em relação às outras.

A matéria também existe no tempo. O tempo é a sucessão entre uma fase e outra do movimento, significa um passado, um presente, um futuro. Ou seja, no mundo não há nada senão matéria em movimento e este movimento só pode existir no espaço e no tempo.

c) Consciência ou alma: devemos destacar que a etapa superior do desenvolvimento da matéria na Terra é o **homem** (entenda-se a sociedade humana, com suas formas sociais de movimento que lhe são inerentes) que, por sua vez, gera a consciência.

Isto é, a consciência, a alma, ou o espírito (como gostem de chamar) é uma qualidade da matéria, da matéria mais altamente desenvolvida que é o **homem**.

No(s) movimento(s) e ou desenvolvimento da matéria aparecem os “saltos”. Por exemplo, o trânsito do inorgânico ao orgânico, isto é, no surgimento da vida o desenvolvimento dos seres vivos alcança o seu mais alto grau no **homem. E neste homem**

aparece a consciência como um salto no movimento do desenvolvimento da matéria viva.

Assim, quando a gente se pergunta **o que é a consciência ou alma**, o primeiro que devemos entender **é que ela não tem nada de sobrenatural, ou seja, a consciência não existe fora de nós e é produto do nosso desenvolvimento como seres materiais.**

No homem existe o mais rico e complexo sistema nervoso, as reações do homem frente à natureza e à sociedade são as mais ricas e diversas. São resultado do seu sistema nervoso e constituem a consciência. O sistema nervoso do homem apresenta quatorze mil milhões de unidades. Os neurônios do córtex cerebral têm cinco mil conexões cada.

Assim **a consciência é produto do desenvolvimento da matéria, é sua maior qualidade, porém não é matéria**, ou seja, a consciência ou alma não é matéria.

Segundo Lenine a consciência é uma função “desse complexo material que se chama cérebro humano”. (LÊNIN V. Materialismo y empirio-criticismo. Em: Obras completas, Tomo XIV. Akal Editor. 1908. Pag.)

Portanto devemos ter presente no desenvolvimento da matéria três grandes categorias que a seguir se colocam:

- a) A natureza em geral com os corpos inorgânicos, os vegetais e os animais.
- b) A sociedade e;
- c) A consciência: da qual forma parte o pensamento e que representa o mais alto grau de desenvolvimento da matéria.

Esses são os pontos essenciais em relação ao materialismo, que nós temos explanado brevemente, explicando o que é matéria, o que é movimento, o que é tempo e espaço e o que significa a consciência desde o ponto de vista material. Agora vamos entrar no estudo da dialética.

d) Que é dialética? Que se entende por dialética na teoria de Marx?

No dicionário Aurélio, encontramos dialética como sendo:

“[Do gr. *dialektiké* (téchne), pelo lat. *dialectica*.]”

- 1) Filos. Arte do diálogo ou da discussão, quer num sentido laudativo, como força de argumentação, quer num sentido pejorativo, como excessivo emprego de sutilezas.
- 2) Filos. Desenvolvimento de processos gerados por *oposições* que provisoriamente se resolvem em unidades.
- 3) Hist. Filos. Conforme Hegel, **a natureza verdadeira e única da razão e do ser que são identificados um ao outro e se definem segundo o processo racional que procede pela união incessante de contrários — tese e antítese — numa categoria superior, a síntese.**
- 4) Hist. Filos. Segundo Marx, **o processo de descrição exata do real.”**

Partindo **da ideia de que a dialética é a arte do diálogo ou da discussão, acaba sendo filosofia** por excelência na medida em que não apenas discutimos com outras

pessoas, mas também, conosco mesmos.

Sócrates, Platão, Aristóteles, Zeno de Eléia, Kant e outros filósofos, **discutiram, estudaram, apresentaram a dialética com os significados mais variados**, com sentidos diversos, amparada(os) por vários **princípios**.

Os diferentes autores que se ocupam de interpretar a dialética, entendem que estes princípios chegam a ser quatro:

- 1) Ação recíproca (relação);
- 2) Mudança dialética (transformação);
- 3) Mudança qualitativa (de quantidade para qualidade);
- 4) Interpretação dos contrários (contradição).

Deve-se destacar que a dialética marxista cuja gênese remontasse ao filósofo Heráclito e outros filósofos da antiguidade até chegar a Hegel, (antecessor de Marx) **é a concepção do mundo que percebe em todos os fenômenos, em todos os processos o desenvolvimento histórico, multiforme e contraditório**.

Segundo Lenine “dialética, em sentido restrito, é o estudo das contradições contidas na própria essência dos objetos” (Lenin, “Cadernos filosóficos”, pág. 263, ed. russa). E mais adiante destaca: “O desenvolvimento é a “luta” entre tendências contrapostas” (Lenin, Obras Escolhidas, t. XIII pág. 301, ed. russa).

Assim a dialética nos demonstra que tudo muda, tudo se desenvolve, tudo se move e todo movimento **obedece a leis**. Isso é a dialética nas suas linhas mais gerais.

O **materialismo dialético** estabelece a existência da concatenação sujeita a leis entre todas as coisas, fenômenos e processos da natureza, da sociedade e do pensamento.

Isto é, em todo fenômeno ou processo existem uma ou muitas causas que o originam, nada se produz a capricho, nem pela vontade divina, fatalidade ou azar. Eles obedecem a leis naturais conhecidas e leis ainda por conhecer. Ou seja, *a lei é a relação essencial necessária e interna entre dois objetos, fenômenos ou processos*.

As principais leis da dialética⁴

Lei da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa: todo processo tem uma determinada medida uma determinada quantidade, quando essa quantidade excede essa medida por acumulação quantitativa, o objeto, o fenômeno, o processo deixa de ser o que era, isto é, muda sua essência e passa a ser outra coisa, outro fenômeno, outro processo, muda de qualidade. Resumindo, esta lei explica **o modo, a forma em que se produz o desenvolvimento**.

Tomemos por exemplo à água. Partamos de 0° e façamos subir de 1°, 2°, 3° até 98°: a mudança é contínua e iremos ainda até 99°, mas a 100°, temos uma mudança brusca: a água transforma-se em vapor.

⁴ Ver ENGELS F. Dialética da Natureza. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

Se invertermos o processo de 99° descermos até 1°, teremos novamente uma mudança contínua, mas a 0° a água transforma-se em gelo.

De 1° a 99°, permanece sempre água, apenas a temperatura muda, é apenas uma mudança quantitativa, quantidade de calor que tem a água. Quando se transforma em gelo ou vapor, temos uma mudança qualitativa, uma mudança de qualidade. Já não é água, é gelo ou vapor.

Quando uma coisa não muda de natureza, temos uma mudança quantitativa (no exemplo da água, uma mudança de grau de calor, mas não de qualidade). Se muda a natureza, quando se torna outra coisa, a mudança é qualitativa.

Lei da unidade e luta de contrários: esta lei opera em todas as coisas, fenômenos e processos. Por exemplo, a união matrimonial é uma **contradição**: unidade e luta de contrários. O homem e a mulher são diferentes, essa diferença faz indispensável essa união, se complementam;

Outros exemplos como o bem e o mal, o belo e o feio, o justo e o injusto, são contrários e estão unidos, isto é, são dois aspectos como o verso e reverso de uma mesma moeda.

Ou seja, não existe nada no mundo onde não estejam presentes as contradições, sem a existência das contradições não existiria o progresso. Assim, esta lei argumenta e/ou **explica que o motor do desenvolvimento radica na própria contradição.**

Lei da negação da negação: algumas pessoas identificam esta lei como a lei da *tese, a antítese e a síntese*. Toda situação, toda realidade são consideradas uma afirmação (tese), porém devido à existência da lei da contradição (unidade e luta de contrários) toda afirmação leva implícita uma negação (antítese).

A luta entre a *tese e a antítese* presente em todos os fenômenos e processos resolve-se através da negação da negação (síntese), que contém elementos da situação anterior mais em uma fase superior. Assim, o desenvolvimento histórico social é considerado em forma de espiral.

As coisas mudam, porque encerram uma contradição interna, elas próprias, (afirmação), e suas contrárias, (negação) as contrárias estão em conflito, e as mudanças nascem desse conflito (negação da negação), assim a mudança (negação da negação) é a solução do conflito.

Devemos destacar destas três leis o seguinte:

Primeiro que explicam um aspecto essencial, uma forma, uma faceta, um momento do desenvolvimento, quer dizer, do movimento do mundo.

Segundo, explanam que a fonte e o caráter progressivo do movimento e do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento são resultado das contradições implícitas no próprio movimento da matéria. Descartando a intervenção de qualquer força exterior alheia à matéria.

Terceiro, elas nos oferecem as chaves para entender os “saltos”, a transformação no

contrário, a destruição do velho e o advento do novo.

O **materialismo histórico** examina as leis mais gerais do desenvolvimento da sociedade humana, é a aplicação dos princípios do materialismo dialético ao estudo da vida, aos fenômenos da vida da sociedade, ao estudo desta e sua história.

A sociedade humana é parte do mundo material, na qual os homens atuam dotados de consciência e de vontade com objetivos e fins determinados, ou seja, a vida social é produto da atividade humana e o **materialismo histórico estuda a estrutura da sociedade e as leis mais gerais do seu desenvolvimento**.

Assim, a **dialética materialista** analisa a **história** do ponto de vista dos processos econômicos e sociais, isto é, através dos **modos de produção**.

Ou seja, Marx e Engels **dividem a história (da humanidade) em diferentes momentos ou modos de produção**: comunidade primitiva, escravatura, feudalismo, capitalismo e (socialismo) comunismo.

Os três primeiros são vencidos por uma **contradição interna**, chamada “**germe da destruição**”. Isto é, no modo de produção da escravatura o germe dessa destruição seriam as contradições existentes entre *escravos* e *amos*, no feudalismo entre os *servos* e os *senhores feudais*, no capitalismo entre os *operários* e os *capitalistas*. Já o modo de produção comunista seria a **síntese final**, ou seja, o momento em que a história cumpre seu desenvolvimento dialético.

4 | O MODO DE PRODUÇÃO NA TEORIA DE MARX

O conceito de modo de produção foi desenvolvido por Marx e Engels para designar a maneira pela qual determinada sociedade se organiza visando garantir a produção das suas necessidades materiais, de acordo com o nível de desenvolvimento de suas forças produtivas.

Trata-se de um modelo racional abstrato criado com vistas a proporcionar uma análise criteriosa das formações sociais realmente existentes, possibilitando a comparação entre as diferentes sociedades formadas ao longo da história. **É preciso ter claro que o modo de produção ajuda a compreender a realidade, mas não é a realidade**.

Outrossim, o modo de produção não existe na sua forma pura, pois é possível depreender a presença, nas formações sociais reais existentes, de características mescladas de diferentes modos de produção, a depender do momento histórico estudado.

O **modo de produção**, portanto, permite compreender a maneira pela qual a sociedade produz seus bens e serviços, como os utiliza e os distribui. **O modo de produção de uma sociedade é formado por suas forças produtivas e pelas relações de produção existentes nessa sociedade**.

Podemos utilizar uma fórmula simplificada, entendendo tratar-se de um recurso meramente didático:

Modo de Produção = Forças Produtivas + Relações de produção

As **forças produtivas** estariam formadas pelos homens, instrumentos de trabalho, tecnologia, edifícios, maquinaria, matérias primas, eletricidade, infraestrutura etc., já as **relações de produção**, estariam formadas pelas relações estabelecidas entre os homens na produção dos bens e serviços, isto é, relações entre os que são proprietários dos meios de produção as terras, as matérias primas, as máquinas e aqueles que possuem apenas a força de trabalho. Portanto, o conceito de modo de produção resume claramente o fato de as relações de produção serem o centro organizador de todos os aspectos da sociedade.

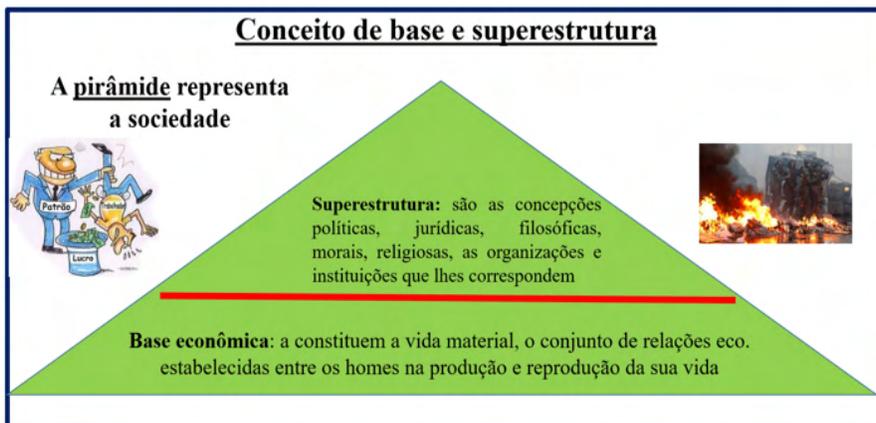
No Prefácio do livro “Contribuição à crítica da economia política”, Marx identificou na História, de maneira geral, os seguintes estágios de desenvolvimento das forças produtivas, ou modos de produção:

- Comunismo Primitivo;
- Escravidão Clássica;
- Feudalismo;
- Capitalismo.
- Comunismo: Na teoria marxista, o modo de produção comunista deverá substituir o capitalismo, mediado por um período de transição, o **Socialismo**, entendendo que esta substituição não se dará de maneira natural, mas como resultado da intervenção revolucionária consciente dos homens.

A evolução de um modo de produção para o outro **ocorre a partir do desenvolvimento das forças produtivas e sua posterior contradição com as próprias relações de produção e da luta entre as classes sociais predominantes em cada período**.

Ou seja, ao se desenvolverem as forças produtivas trazem conflito entre os proprietários e os não-proprietários dos meios de produção. O conflito se resolve em favor das forças produtivas e surgem relações de produção novas, que já haviam começado a se delinear no interior da sociedade antiga. Com isso, a superestrutura também se modifica e abre-se possibilidade de revolução social.

O passo de um modo de produção a outro



24/08/2020

59

Figura 3 O passo de um modo de produção a outro.

Assim, segundo Marx, o movimento da História possui uma base material, econômica e obedece a um movimento dialético. A passagem do modo de produção feudal, para o modo de produção capitalista burguês, é um exemplo claro.

O modo de produção feudal é o fato positivo, a afirmação, mas já traz, dentro de si, o germe de sua própria negação: o desenvolvimento de suas forças produtivas propicia o surgimento da burguesia.

À medida que estas forças produtivas se desenvolvem, elas vão negando as relações feudais de produção e introduzindo as relações capitalistas de produção. A luta entre a nobreza e a burguesia vai se acirrando; em um determinado ponto deste desenvolvimento ocorre a ruptura e aparece o terceiro elemento mais desenvolvido, que é modo de produção capitalista. É, portanto, a luta entre as classes que faz mover a História. (SPINDEL, A. O que é Socialismo. São Paulo, Brasiliense, 1983, op. cit. p. 39.)

Marx define seu método no prefácio do livro “Contribuição à crítica da economia política”, onde destaca:

(...)O resultado geral que se me ofereceu e, uma vez ganho, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode ser formulado assim sucintamente:

“na produção social da sua vida os homens entram em determinadas relações, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada etapa de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem determinadas formas da consciência social. **O modo de produção da vida material é**

que condiciona o processo da vida social, política e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência. Numa certa etapa do seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes ou, o que é apenas uma expressão jurídica delas, com as relações de propriedade no seio das quais se tinham até aí movido. De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se em grilhões das mesmas. Ocorre então uma época de revolução social.(...) MARX K. Contribuição à crítica da economia política. Editora. Expressão Popular. SP. 2008. Pag. 47.

Segundo Sweezy (1983, pag. 25) desprende-se daí que o interesse primordial para Marx era a sociedade como um todo e mais especialmente o processo de transformação social; isto é, visava descobrir as verdadeiras inter-relações entre os fatores econômicos e não-econômicos na TOTALIDADE da existência social.

Chegando à conclusão de que a chave da transformação social está nos movimentos do modo de produção, sendo assim Marx analisa a Eco. Política a partir do estudo das principais contradições da sociedade burguesa isto, tornou-se o objetivo ao que dedicou sua vida. (Idem). Assim remontou os conflitos (contradições) históricos decisivos às suas raízes no modo de produção, descobrindo que eles eram os conflitos ou contradições de classes. No Manifesto Comunista (1847, pag. 7) destacou (..) “A história de toda a sociedade que até hoje existiu é a história da luta de classes”

51 O MÉTODO NA ECONOMIA POLÍTICA DE MARX: AS ABSTRAÇÕES CIENTÍFICAS

Segundo Germer (2010) uma das causas da dificuldade geralmente atribuída à discussão do método de Marx é o fato de este não ter redigido um texto em que explicitasse de modo completo e inequívoco, o que é real.

Uma das razões dessas dificuldades está na controvérsia existente entre os estudiosos de Marx, em relação à medida em que se pode admitir uma continuidade ou ruptura na evolução do seu pensamento, a partir dos seus primeiros escritos do início dos anos 1840. Esta polêmica foi desencadeada pela publicação, nos anos 1960, dos Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844 (MEF).

Porém, Marx redigiu diversos textos de natureza eminentemente filosófica e metodológica no início da sua atividade, não havendo razão para particularizar os Manuscritos Econômico-Filosóficos (MEF), e a sua sequência parece constituir uma exposição bastante satisfatória e clara dos princípios filosóficos e metodológicos sobre cuja base erigiu a sua obra teórica nos anos seguintes.

Jovem 1841 a 1858	Transição (1852 a 1856)	Fase adulta (1857 a 1880)
1841. Diferença da Filosofia da Natureza em Demócrito e Epicuro	1852. O 18 de Brumário de Luís Bonaparte	1857-1858. Grundrisse
1843. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel	1853. Punição Capital	1859. Contribuição Para a Crítica da Economia Política
1843. A Questão Judaica	1853. Revolução na China e na Europa	1859. População, Crime e Pauperismo
1844. Contribuição para a Crítica da Filosofia do Direito em Hegel. Introdução	1853. O Domínio Britânico na Índia	1864. Manifesto de Lançamento da Primeira Internacional
1844. Manuscritos Econômico-filosóficos	1853. Guerra na Birmânia	1865. Salário, Preço e Lucro
1845. Teses sobre Feuerbach	1853. Resultados Futuros do Domínio Britânico na Índia	1867. O Capital: crítica da economia política (Livro I: O processo de produção do capital)
1845. A Sagrada Família	1854. A Decadência da Autoridade Religiosa	1871. A Guerra Civil na França
1845 – 1846. A Ideologia Alemã	1856. Revolução na Espanha	1874-75. Resumo de “Estatismo e Anarquia”, obra de Bakunin
1847. Miséria da Filosofia		1875. Crítica ao Programa de Gotha
1847. A Burguesia e a Contrarrevolução		1875. Artigo em defesa da Polónia.
1848. Manifesto Comunista		1880. Notas sobre Adolph Wagner
1849. Trabalho Assalariado e Capital		
1850. As Lutas de Classe na França de 1848 a 1850		
1850. Mensagem da Direção Central da Liga Comunista		
1858. Formações Econômicas Pre-Capitalistas		

Figura 4 Cronologia da obra de Marx. Elaborado pelo autor

A sequência cronológica dos textos mostra que os escritos metodológicos mais importantes de Marx, nos anos 40, são:

A Ideologia Alemã (IA), as *Teses sobre Feuerbach (TF)*, a *Sagrada Família* e *Miséria da Filosofia*, nesta ordem, foi escrita após dois textos iniciais em que se definiu sobre dois aspectos fundamentais do método.

Estes textos são a *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* e os *Manuscritos Econômico-Filosóficos (MEF)*.

No primeiro Marx situou-se claramente no terreno filosófico do materialismo, com base na crítica do idealismo de Hegel. No segundo (MEF) Marx fez a primeira incursão na crítica da Economia Política, representada principalmente pelas obras de Smith e Ricardo, assinalando que fez a crítica com base nos conceitos da própria economia política, mas adotando como eixo da análise a contradição entre propriedade privada e trabalho. (Ver, Germer, 2010).

Marx conclui que a **economia política**, apesar de erigir o trabalho em fonte do valor, toma inteiramente o partido da propriedade privada. Esclarece também que **o trabalho focalizado pela economia clássica não é o trabalho em geral, mas sua forma particular de trabalho alienado, o trabalho submetido ao capital**.

O procedimento de Marx, de refazer a análise utilizando os próprios conceitos da economia clássica, **mas partindo do ponto de vista do trabalho, permitiu-lhe colocar em evidência a contradição de interesses de classes localizada na base do capitalismo**.

Em seguida Marx **aprofundou a crítica ao idealismo e aperfeiçoou as suas concepções sobre o materialismo**, graças a uma crítica rigorosa ao materialismo naturalista de Feuerbach, que foi o autor que lhe abriu o horizonte da crítica do idealismo hegeliano. (Idem)

Os capítulos sobre o método, na *Sagrada Família* e na *Miséria da Filosofia*,

constituem esclarecimentos essenciais sobre as origens dos equívocos metodológicos do idealismo especialmente sobre a aplicação da abstração como método - e sobre o modo de conceber o conhecimento da realidade de um ponto de vista materialista.

Mas é no primeiro capítulo da *Ideologia Alemã*, o texto mais importante desta fase, do ponto de vista metodológico, que Marx e Engels lançam os fundamentos da sua própria concepção sobre o método de análise da evolução social.

Somente 10 anos mais tarde, em 1857, é que Marx elabora o importante **Método da Economia Política**. Neste texto, embora não apareçam inovações conceituais, Marx faz uma sistematização do processo de elaboração teórica na economia, através da aplicação dos princípios da concepção filosófica materialista geral, desenvolvidos nos textos anteriores, acima mencionados.

Como vimos anteriormente, uma afirmação de Marx, no prefácio da *Contribuição para a crítica da Economia Política*, publicada em **1859**, é significativa como confirmação desta continuidade.

Nesta passagem Marx **relata o resultado dos seus estudos metodológicos**, desde a crítica da filosofia do direito de Hegel até os textos produzidos em Bruxelas - os importantes Tese sobre Feuerbach e Ideologia Alemã -, **dizendo que este resultado geral, “uma vez obtido, serviu como fio condutor dos meus estudos”** (*Contribuição para a crítica da Economia Política*. 2008, p. 47). **É significativo o fato de Marx fazer tal afirmação em 1859, quase 15 anos após os estudos aos quais se refere, e quando já havia formulado o primeiro esboço geral do O Capital, representado pelos Grundrisse.**

Os termos **abstrato** e **concreto**, integrantes da terminologia filosófica alemã até Hegel, possuem significados diferentes em Hegel e em Marx.

Segundo Germer (2010) em primeira aproximação o **abstrato** designa um conceito, produzido pelo chamado **método da abstração**⁵, que consiste em extrair da realidade perceptível - como representação mental - uma parte ou aspecto específico.

É neste sentido que Marx utiliza o termo: o abstrato é, portanto, um produto do pensamento, e consiste na representação mental de um elemento isolado da realidade empírica, tal como esta se reflete de modo direto no pensamento.

Nessa interpretação de Marx o abstrato constitui uma fase elementar do conhecimento, mas não é o próprio conhecimento, pois este não se reduz à representação de um ou diversos aspectos isolados da realidade.

O **conhecimento consiste no concreto**, isto é, na apreensão do objeto analisado como o conjunto dos seus componentes inter-relacionados de modo definido, ou na estruturação interna do objeto. Ou seja, o **conhecimento concreto da realidade** só é possível se as partes, abstraídas do todo pelo pensamento, forem rearticuladas ao todo concreto. (Corazza, p. 38).

5 Alternativamente a, “abstração” pode ser definida como o processo de eliminar as características não essenciais de um conjunto de fenômenos, preservando a característica geral comum a todos eles (Inwood, p. 41).

Baseado na concepção materialista e dialética da realidade, Marx formula um enunciado que **constitui a síntese do seu método**. Segundo este enunciado, **o processo do conhecimento, na economia**, realiza-se em **duas fases**. A primeira fase começa com a população

e vai deste “**concreto como representação a abstratos** cada vez mais tênues, até chegar às determinações mais simples. Daí seria necessário retomar a viagem em sentido inverso [que é a segunda fase], até (...) chega[r] novamente à população, mas desta vez não como uma representação caótica de um todo, mas como uma rica totalidade de muitas determinações e relações” (Uma Contribuição para a Crítica de Economia Política, pag. 15 ou MEP, p. 122/36).

Em seguida acrescenta:

“O último [isto é, a viagem **das abstrações ao concreto**] é claramente o **método cientificamente correto**. O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, portanto **unidade do diverso**. Por isso ele aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora constitua o ponto de partida real e por isso também o ponto de partida da intuição e da representação”. (Idem)

Uma síntese desse raciocínio, aparece na Figura 5. Percebe-se que o problema focalizado por Marx é o da elaboração de uma teoria, mas não do uso ou da aplicação da teoria elaborada pelos economistas clássicos. Ou seja, a teoria, representada pelo concreto pensado (que é caminho certo segundo Marx), tornar-se-ia um guia para a ação, isto é, para a atividade prática.

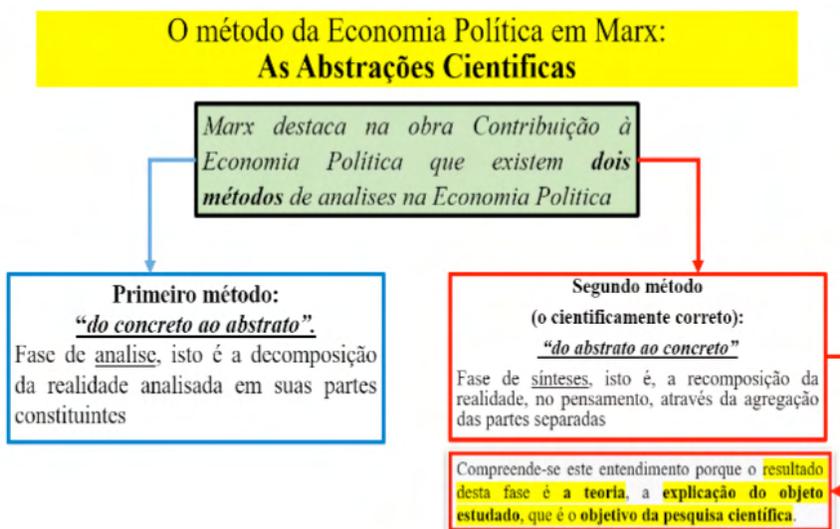


Figura 5. Métodos de análises na Economia Política

Assim se faz necessário esclarecer o sentido do **concreto** na teoria de Marx. (Ver Tabela 1.)

O termo Concreto no pensamento de Marx	
O concreto real: é o ponto de partida do processo de conhecimento.	O concreto pensado : é o resultado do processo de conhecimento.
<p>· Este deve ser entendido de dupla forma:</p> <p>I) Primeiro parte-se do pressuposto que a realidade material, existe independentemente do pensamento, sendo assim, o mundo material ou empírico constitui o concreto real e/ou o ponto de partida real de todo pensamento.</p> <p>II) Segundo (o concreto real) deve ser interpretado como a representação mental, isto é, como expressão da percepção imediata da realidade através dos sentidos, percepção esta que é uma representação caótica do todo. E que nomearemos a essa (representação mental da realidade) de <i>concreto sensorial</i>.</p>	<p>· Isto é, representa a aplicação correta do conceito de concreto, no sentido específico de que a realidade está compreendida ou interpretada pelo pensamento como totalidade orgânica.</p> <p>III) Ou seja, o concreto pensado representa uma categoria do pensamento (e não da realidade empírica) isto é, representa o real compreensível, o que implica uma totalidade como síntese de muitos elementos interligados, ou muitas determinações, como na citação acima.</p> <p>IV) Assim, o concreto pensado é a teoria. como produto ou resultado do pensamento <u>através de um processo de síntese, de agregação, em que as diversas partes significativas da realidade são combinadas em uma totalidade, na qual se articulam dinamicamente de modo definido.</u></p>

Tabela 1: O significado do termo concreto no pensamento de Marx.

Fonte: Elaborado pelo autor *apud* Germer 2010.

O que Marx está destacando e explicando é que todo esse processo de conhecimento elaborado pelo pensamento ou pela mente **do homem** (e não de Deus) e que chama-se também de conhecimento racional, concreto pensado ou teoria, é resultado da conjunção e processamento de: 1º) **generalização ou abstração**, que permite definir **ideias e conceitos** (sendo este o primeiro grau do conhecimento), 2º) **juízos** que nos permitem relacionar ideias, 3º) **raciocínio** que representa a articulação mental dos juízos, via indução (particular ao geral) ou dedução (universal ao particular), 4º) uso de **hipóteses** etc, que nos permitirá elaborar leis e através delas **elaborar-se-ia a ciência, a teoria ou doutrina**. (Ver Figura 1). Todo esse percorrido é o que ele nomeia de **método cientificamente correto** e que está relacionado com o desenvolvimento do trabalho, a vida social e a linguagem dos homens na sociedade. (Ver Figura 6)

Dito de outra forma, as fases do processo de elaboração do conhecimento pelo pensamento ou pela mente do homem, são:

- I. Primeira fase é a elaboração das abstrações ou conceitos, a partir do concreto sensorial e a reconstrução do real, pelo pensamento, a partir das abstrações elementares.
- II. A segunda fase compreende o “caminho mental”, do abstrato para o concreto propriamente dito, o concreto pensado (a teoria).

As Figuras 1 e 6 exprimem didaticamente todo o processo mental da elaboração do concreto pensado ou a teoria.

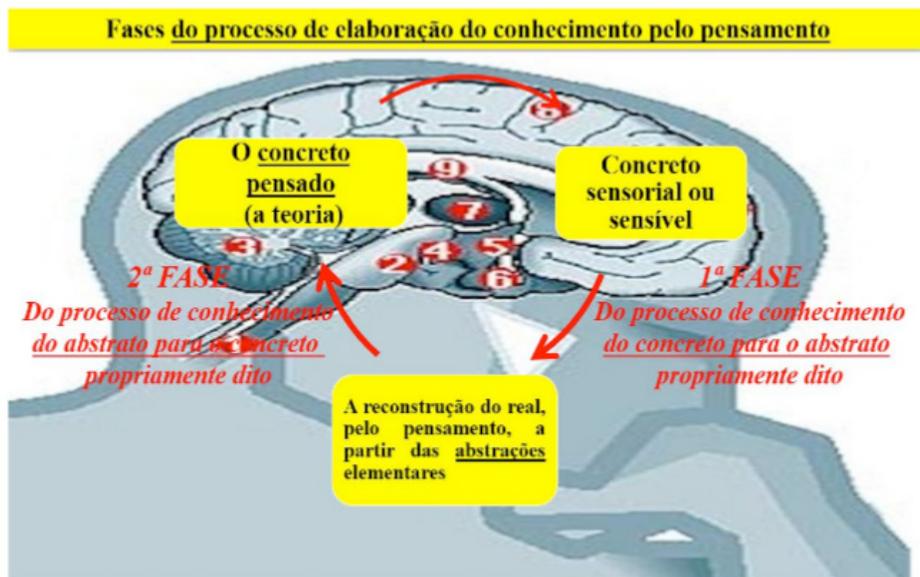


Figura 6: Fases do processo de elaboração do conhecimento pelo pensamento ou pela mente do homem.

Fonte: Elaborado pelo autor apud Germer 2010.

Segundo Marx na elaboração da teoria economia clássica da época, a identificação das abstrações simples, ou das peças elementares do sistema econômico, foi inicialmente realizada, pelos economistas do século 17, que isolaram algumas relações abstratas gerais, como *divisão do trabalho, dinheiro, valor, preços*⁶, etc; porém **não são consideradas como teoria econômica propriamente dita**. (Ver Figura 7)

⁶ (Ver, Uma Contribuição para a Crítica de Economia Política, pag. 15).

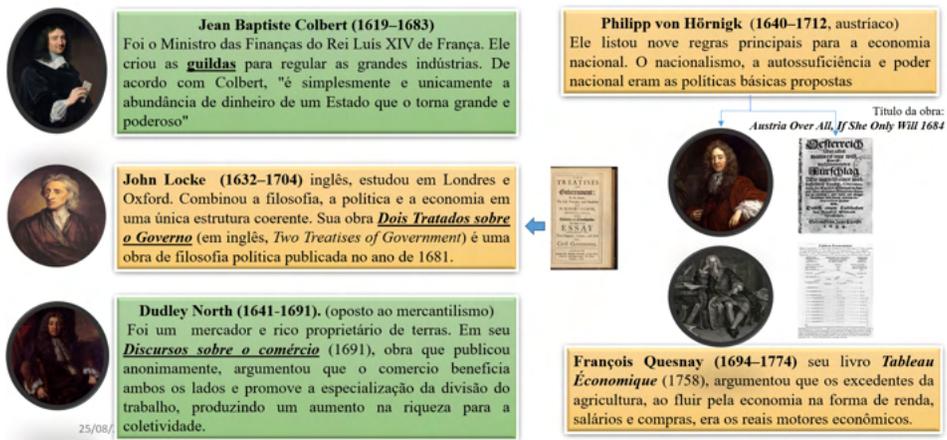


Figura 7. Economistas do século 17 cujas obras segundo Marx representam as primeiras abstrações mais simples em relação à Teoria Econômica como ciência.

Fonte: Elaborado pelo autor

Após a menção à elaboração das abstrações mais simples pelos economistas do séc. 17. Marx exprime o seguinte:

(...) “assim que estes momentos isolados haviam sido mais ou menos fixados e abstraídos, começaram os sistemas econômicos **isto é, os esboços do concreto pensado, ou teoria, econômica** que se **elevavam** do simples, como trabalho, divisão do trabalho, necessidade, valor de troca, até o Estado, o comércio entre as nações e o mercado mundial”(…) (MARX K. Uma Contribuição para a Crítica de Economia Política, pag. 15 ou MEP, pag. 122/36 apud GERMER C. 2010).

Sendo Adam Smith um destes edificadores de sistemas teóricos, mas ainda se debate em contradições entre as representações do concreto sensorial e o concreto pensado:

“A economia política, em A. Smith, havia se desenvolvido até uma determinada totalidade, havia delimitado, em certo sentido, o terreno que abarca. Por um lado, ele segue as conexões internas das categorias econômicas - ou a estrutura oculta do sistema econômico capitalista o concreto pensado. Por outro lado, expõe a interconexão tal como é perceptível nas aparências da concorrência e como se apresenta, portanto, ao observador leigo o concreto sensorial (...)” (MARX K. Teorias da Mais-Valia: História Crítica do Pensamento Econômico. v.II. São Paulo: Civilização Brasileira. 1978, p. 816 apud GERMER C. 2010).

A partir da obra de Adam Smith nomeada a **Riqueza das Nações** editada em março de 1776 pela casa editorial de William Strahan e Thomas Caldell é que se reconhece à Teoria Econômica como ciência. Sendo Adam Smith (1723–1790), considerado o pai da moderna **Economia Política**.

Assim, a teoria do capitalismo, exposta no **O Capital** de Marx, (a diferença da

exposta nas obras dos economistas clássicos) é uma construção abstrata, **que representa a essência do capitalismo, mas não representa especificamente um capitalismo realmente existente**. Ou seja, a teoria do capitalismo exposta no O Capital é, portanto, **um concreto pensado**, isto é, **a reconstrução do objeto pesquisado, o capitalismo, no e pelo pensamento humano**.

No Manifesto Comunista de 1847 Marx tinha destacado que as forças econômicas atuantes se manifestam em conflitos de classe sob o capitalismo, bem como sob as formas anteriores de sociedade. Segue-se que as relações econômicas essenciais são as que formam a base e se expressam na forma de conflitos de classes. São esses os elementos essenciais que devem ser isolados e analisados pelo **método da abstração**.

Isto foi utilizado por Marx para criticar aos economistas clássicos, porque entendia que *“O Capital é a potência econômica da sociedade burguesa que domina tudo”*, ou seja, *“a relação entre o trabalho assalariado e o capital determina o caráter total do modo de produção”* (Ver Sweezy (1983, pag. 26)

Mas a teoria do capitalismo, elaborada por Marx, destina-se a servir para compreender os capitalismo reais e neles atuar. Para o pesquisador atual, ao tratar de compreender uma economia capitalista real, a teoria do capitalismo é o guia que lhe indica as categorias que deve procurar, e onde procurá-las. O pesquisador, portanto, deve dar um passo além daqueles expostos por Marx.

Como vimos até aqui, o **processo de elaboração do conhecimento pelo pensamento do homem** constitui apenas **a etapa mental do processo de conhecimento**, partindo do **concreto sensorial**. **Mas como se forma o concreto sensorial?** Segundo a concepção materialista, ele constitui a **representação, mediada pelos sentidos, do mundo material na mente**. Mas esta **representação não é entendida por Marx como resultado de uma relação sujeito-objeto de tipo individual e contemplativo, nem é uma relação linear contínua**, que se inicia com a sensação e termina com o conhecimento. (Ver Germer, 2010, pag. 6).

É um **processo de repetição contínua**, que **integra o processo contínuo de intercâmbio do ser humano com a natureza**, através do **trabalho**, na produção dos seus meios de vida. Ao produzir, isto é, ao transformar os materiais naturais, o ser humano **interpreta** continuamente os efeitos da sua ação sobre a natureza e, com isso, interpreta a própria natureza, sua estrutura e dinâmica, e testa continuamente a sua interpretação, ao **observar** os efeitos positivos e negativos **da sua ação baseada na interpretação anterior**.

Com base nesta **observação, reformula e refina as suas interpretações, que é o que constitui o processo de elaboração do conhecimento**. Neste sentido **é que se diz, na filosofia materialista, que a prática é o critério da verdade**.

Resumindo: o processo do conhecimento consiste em duas etapas (Ver Figura 8):

I. A **primeira** a **ação** material ou física **do ser humano** sobre a realidade material - a

natureza, por um lado, e a **sociedade**, por outro - através do trabalho,

II. A segunda sua **ação intelectual** sobre a mesma, **que é o processo de elaboração mental do conhecimento com base no concreto sensorial**.

No conjunto, **estas duas fases compõem a prática**. Consequentemente, parece fundamentado afirmar que o processo do conhecimento coincide com o conceito de prática.

Na Figura 8 a **seta** na parte superior do esquema, do *concreto pensado* ao *concreto real (sensorial)*, destaca ao **conhecimento**, como resultado do processo de interação contínua do homem com a prática material, o que permite realimentar e aperfeiçoar ao próprio conhecimento (pensado).

Ao mesmo tempo pretende-se demonstrar o fundamento da noção marxista de que **a teoria e a prática** são duas atividades que não podem existir isoladamente uma da outra. Isto é, **não se faz atividade prática sem conhecimento do pretendido, nem se elabora conhecimento sem realizar atividade prática**, embora possam ser separadas como funções de indivíduos diferentes.

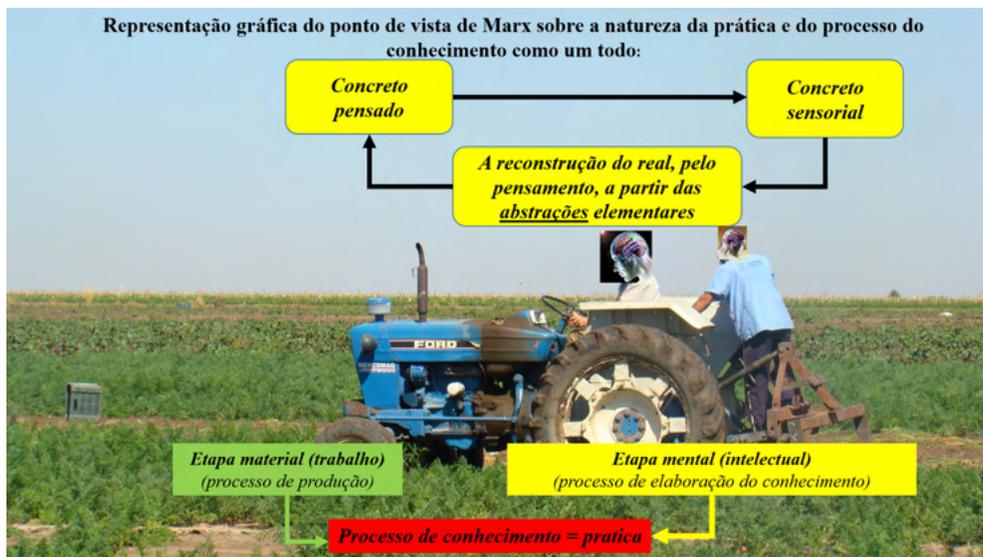


Figura 8. Representação gráfica do processo do conhecimento como um todo. Elaborado pelo autor *apud* Germer, 2010.

Esta divisão do processo do conhecimento em duas etapas, a material e a mental, tem uma importante consequência. No início, a ação sobre a natureza e a sua interpretação, isto é, as práticas material e mental são realizadas pelos mesmos indivíduos. Porém, com o a evolução da divisão do trabalho, institui-se também, aos poucos, a divisão entre os trabalhos material e mental. Isto significa que a produção material e a produção intelectual passam a ser realizadas, gradualmente, por indivíduos diferentes.

6 I O OBJETO DE ESTUDO DA ECONOMIA POLÍTICA

Vamos analisar este item a partir das divergências nos objetos de pesquisa existentes entre os diferentes pensadores.

O objeto de estudo da Economia Política Marxista:	Objeto de estudo da Economia (segundo os teóricos do capitalismo)
<p>a) A economia política estuda os processos econômicos que regem a produção, a distribuição, a troca e o consumo dos bens materiais nas diferentes etapas do desenvolvimento da sociedade. Ver ENGELS F. Anti-Dühring. 1875. pag. 287-288.)</p> <p>b) Segundo Lenin o objeto da Economia Política não é simplesmente a produção, mas as relações sociais que existem entre os homens na produção a estrutura social da produção. (Ver LENIN. O desenvolvimento do capitalismo na Rússia. 1899. pag. 56).</p> <p>c) Na visão de Marx o objeto da Eco. Política nas suas próprias palavras <i>"o que eu, nesta obra, me proponho a pesquisar é o modo de produção capitalista e as suas relações correspondentes de produção e de circulação.</i> (Marx K. O Capital. Livro I, Prefácio da primeira edição. pag. 130. Coleção os Economistas. 1996) e ... <i>descobrir a lei econômica do movimento da sociedade moderna...</i> (Idem, pag. 131)</p>	<p>a) É a ciência sobre os recursos produtivos escassos que, com o correr do tempo, os homens e a sociedade escolhem, com ou sem dinheiro, para a produção dos diversos bens e a sua distribuição entre os homens e grupos da sociedade para os fins do consumo no presente e no futuro. (Paul Samuelson).</p> <p>b) A ciência que estuda as formas de comportamento humano resultantes da relação existente entre as ilimitadas necessidades a satisfazer e os recursos que, embora escassos, se prestam a usos alternativos. (ROBBINS LIONEL. Ensaio Sobre a Natureza e a Importância da Ciência Econômica. (1932)</p>

Tabela 2: O objeto de estudo da Economia Política segundo diferentes autores

Fonte: Elaborado pelo autor

7 | DEFINIÇÃO DA ECONOMIA POLÍTICA

Definição de Economia Política a partir de pensadores marxistas.

Economia Política é a ciência das leis que regem a produção e o intercâmbio dos meios materiais de vida na sociedade humana. (Ver ENGELS F. Anti-Dühring. 1875. pag. 287.)
A Economia Política é a ciência do desenvolvimento das relações sociais, de produção, isto é, das relações entre os homens. Elucida as leis que regem a produção e a distribuição dos bens materiais nos diferentes estádios de desenvolvimento da sociedade humana. (Ver ACADEMIA DE CIENCIAS URSS. O Manual de Economia Política. 1961, Rio de Janeiro. Vitoria, pag. 17.)
A Economia Política é a ciência que estuda as leis do movimento do capital, uma vez que Marx entendia que “*O Capital é a potência econômica da sociedade burguesa que domina tudo*”. (Ver KARL MARX: O Método da Economia Política 1859. Em: Contribuição à Crítica da Economia Política. 1859). Ou seja, estudar e analisar a relação entre o trabalho assalariado e o capital a qual determina o caráter total do modo de produção capitalista.

Definição de Economia Política a partir de pensadores não marxistas.

Economia política, considerada um ramo da ciência do estadista ou do legislador, propõe dois objetos distintos: primeiro, suprir renda ou produtos em abundância para o povo, ou, mais apropriadamente, possibilitar que provenham tal renda ou provento por si sós; e segundo, suprir o Estado ou *Commonwealth* com uma renda suficiente para os serviços públicos. Ela se propõe a enriquecer tanto o povo quanto o soberano.

Smith se referia à disciplina como “economia política”, mas esse termo foi gradualmente substituído por ciência econômica (*economics*) depois de 1870.

Economia política é a ciência que traça as leis dos fenômenos da sociedade que aparecem da operação conjunta da humanidade para a produção de riqueza. ... JOHN STUART MILL (1844 [1967], p. 323).

Economia Política ou Economia é o estudo a humanidade nas atividades ordinárias da vida; examina a parte da ação individual e social que está conectada mais de perto com a obtenção e com o uso dos requisitos materiais para o bem-estar ... Portanto, de um lado é o estudo da riqueza e, do outro, e mais importante, uma parte do estudo do homem. MARSHALL, A. Principles of Economics, (1890 [1920], 1.1.1–2).

Tabela 3. Definição de Economia Política a partir do objeto de estudo dos diferentes pensadores

Fonte: Elaborado pelo autor

Com a escola clássica William Petty, Adam Smith e David Ricardo, a economia política definiu claramente seu contorno científico integral, **passando a centralizar a abordagem teórica na questão do valor**, cuja única fonte original foi identificada no **trabalho**, tanto agrícola quanto industrial. A escola clássica **firmou os princípios da livre-concorrência**, que exerceram influência decisiva no pensamento econômico capitalista.

A escola marxista, fundada por Karl Marx e Friedrich Engels, seguindo a **teoria do valor-trabalho**, chegou ao conceito de **mais-valia**, fonte do lucro, do juro e da renda da terra. Centrando seu estudo na anatomia do modo de produção capitalista, o **marxismo desvendou a lei principal desse sistema e forneceu a base doutrinária para o pensamento revolucionário socialista**. Com Marx e Engels, **a economia política passou a ver o capitalismo como um modo de produção historicamente determinado, sujeito a um processo de superação**.

A partir de **1870**, a concepção ampla da economia política foi sendo paulatinamente abandonada, dando lugar a uma visão mais restrita do processo produtivo, que ficou

conhecido como economia.

Essa postura teórica foi iniciada pela escola neoclássica: William Stanley Jevons, Carl Menger, Léon Walras e Vilfredo Pareto. A abordagem abstrata de conteúdo histórico e social foi substituída pelo enfoque quantitativo dos fatores econômicos.

A inovação mais importante na tradição neoclássica ocorreu com a obra de J.M. Keynes, que refutou a teoria do equilíbrio automático da economia capitalista, apresentando uma nova visão do problema do desemprego, dos juros e da crise econômica.

Após a Segunda Guerra Mundial, o pensamento econômico capitalista vem seguindo duas linhas fundamentais: a dos pós-keynesianos, com sua ênfase nos instrumentos de intervenção do Estado e voltada para o planejamento e o controle do ciclo econômico, e a corrente liberal neoclássica, também chamada de monetária, que volta sua atenção fundamentalmente para as forças espontâneas do mercado. Surgem assim novas definições modernas de Economia. (Ver Tabela 4).

Definições modernas de Economia

a) **Economia** é o estudo de como as pessoas e a sociedade acabam escolhendo, com ou sem o uso de moeda, empregar recursos produtivos escassos, que podem ter usos alternativos, para produzir várias mercadorias e distribuí-las para consumo, no presente ou no futuro, entre várias pessoas e grupos da sociedade. Ela analisa os custos e benefícios da melhoria nos padrões de alocação de recursos. (PAUL A. SAMUELSON E WILLIAM D. NORDHAUS (1976) **Economia**. Pág. 4. 18va Edición 812 Páginas, 2011)

b) **Economia**: Ciência de como uma sociedade em particular resolve seus problemas econômicos. ... Um problema econômico existe sempre que meios escassos são usados para satisfazer fins alternativos (FRIEDMAN, M. Price Theory: A provisional text. Chicago. Aldine.1962)

c) **Economia**: Estudo dos princípios que governam a alocação de recursos escassos entre fins alternativos, quando o objetivo da alocação é maximizar o atingimento dos fins (STIGLER, George J. (1942). A teoria da regulação econômica. In: MATTOS, Paulo (coord). Regulação econômica e democracia: o debate norte-americano. São Paulo: Editora 34, 2004.

d) **Economia** é o estudo de como a sociedade administra seus recursos escassos (MANKIW, G. Introdução à Economia. SP. 2009, p. 4).

e) **Economia** é o estudo das economias, tanto no nível dos indivíduos quando da sociedade como um todo (KRUGMAN AND WELLS. Introdução à Economia. Ed. Elsevier. RJ. 2007, p. 2).

f) **Economia** é o estudo de como os seres humanos coordenam suas necessidades e desejos, dados os mecanismos de tomada de decisão, costumes sociais e realidades políticas da sociedade (COLANDER, C. Economics, 6ta Edition, Boston, McGrawHill, 2006a, p. 4).

g) **Economia** é a ciência social que estuda as escolhas que indivíduos, negócios, governos e sociedades como um todo fazem ao enfrentarem a escassez (BADE AND PARKIN, Foundations of Microeconomics, Boston. Addison Wesley. 2002, p. 5).

h) **Economia** é o estudo de como os agentes escolhem alocar recursos escassos e como essas escolhas afetam a sociedade. ... A característica unificadora de todas as coisas que os economistas estudam são as escolhas – não a moeda. (ACEMOGLY, LAIBSON E LIST. Economia. Ed. Pearson. 2015).

Tabela 4: Definições modernas de Economia.

Fonte: Elaborado pelo autor apud ROGER E. *et al.* 2009.

É claro que esse conjunto de definições (colocadas nas Tabelas 3 e 4) contém forte componente ideológico, no sentido que implicam visões de sociedade, sistemas de valores, paradigmas científicos e entendimento dos objetivos da economia inteiramente diversos.

Entre os economistas, não há por que descartar a distinção política entre direita e esquerda. Segundo Bobbio (1995 apud Nogueiras, 2010) pode-se utilizar diferentes critérios para se dizer que alguém é de direita ou de esquerda. Parte da constatação de que os homens, por um lado, são todos iguais entre si; de outro, cada indivíduo é diferente dos demais.

Assim:

- Os que consideram mais importante, para a boa convivência humana, aquilo comum que os une, em uma coletividade, estão na margem esquerda;
- Os que acham relevante, para a melhor convivência, a diversidade e/ou a competitividade, estão na margem direita. A seguir vejamos as diferenças (Ver Tabela 5).

DIREITA ECONÔMICA	ESQUERDA ECONÔMICA
<ul style="list-style-type: none"> • Confia que as desigualdades sociais possam ser diminuídas à medida que se favoreça a competitividade geral; • Minimiza a proteção social e maximiza o esforço individual. • A regra de ouro da direita econômica é: quem melhor se adapta ao meio ambiente econômico enriquece, inclusive dando continuidade à sua dinastia. O homem de direita, acima de tudo, preocupa-se com a defesa da tradição e da herança. 	<ul style="list-style-type: none"> • Prioriza a proteção contra a competição social. • Na escolha entre a competitividade e a solidariedade, prioriza esta última. • Tem como utopia uma sociedade com um governo, organizado da melhor maneira, o qual proporciona ótimas condições de vida a um povo equilibrado e feliz e onde vigoram normas e/ou instituições políticas altamente aperfeiçoadas.

Tabela 5. Distinção entre as posições políticas dos economistas.

Fonte: NOGUEIRA F. Economia em 10 lições. Paulo, Editora UNICAMP, 2000.

Assim temos duas abordagens básicas da Economia, que são pontos-de-partida metodológicos, que dependendo da formação e visão integral do leitor lhe permitirá entender como as decisões tomadas pelos formadores de política econômica influenciam no desenvolvimento econômico, social e ambiental do país.

ABORDAGEM CLÁSSICA DA ECONOMIA POLÍTICA.

- Dá ênfase às relações sociais que se estabelecem entre os homens, em suas atividades econômicas.
- Em Economia Política, refere-se sempre a um tempo histórico definido, em determinada formação social. As leis da Economia Política têm vigência definida no espaço e no tempo. Dentro dessa perspectiva histórico institucionalista, a Economia não pode pretender construir teorias universais – abrangentes de todos os períodos e os lugares.

ABORDAGEM NEOCLÁSSICA DA ECONOMIA PURA.

- Enfatiza a capacidade humana de fazer escolhas, em face dos múltiplos fins e de diversos meios para alcançá-los.
- A Ciência Econômica faz abstração das relações sociais (sociologia), da estrutura de poder (política), do espaço (geografia), de tempo (história).
- O pensamento econômico abstrato **elimina**, portanto, contribuições de outras ciências sociais. Isto porque o procedimento analítico é, necessariamente, um processo de partição – um recorte da realidade. **Substitui-se um processo social vivo, cheio de inter-relações, por uma bateria de conceitos abstratos, para se teorizar.**

Fonte: NOGUEIRA F. Economia em 10 lições. Paulo, Editora UNICAMP, 2000.

8 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que a síntese apresentada e desenvolvida no trabalho dará aos alunos e alunas e interessados e interessadas as ferramentas conceituais básicas para o entendimento da teoria de Marx desenvolvida no *O Capital* à luz da realidade social e científica do modo de produção capitalista na atualidade.

Assim, este texto surgiu da intenção de servir de introdução e suporte para o desenvolvimento do trabalho científico pedagógico na disciplina Introdução à Economia Política e pode servir também para o início do aprofundamento do tema, uma vez que Marx apontou as contradições existentes, assim como os desdobramentos lógicos e históricos das contradições do modo de produção capitalista.

REFERÊNCIAS

1. ARANHA, M.L.A.; MARTINS, M.H.P. *Filosofando: introdução à filosofia*. São Paulo, Moderna, 1994. 395p.
2. BOBBIO, Norberto. *Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política*. São Paulo, Editora da UNESP, 1995.
3. BUARQUE DE HOLANDA A. *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Edição Histórica 100 Anos. 2010.
4. CORAZZA, G. (1996). O todo e as partes: uma introdução ao método da economia política. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v.26, Número Especial, p. 35-50.
5. EGRY EY. Compreendendo a dialética na aproximação com o fenômeno saúde-doença. In: EgrY EY, Cubas MR. *O trabalho da enfermagem em saúde coletiva no cenário Cipeps: guia para pesquisadores*. Curitiba, ABEn-EEUSP, 2006. p. 63-84.

6. ENGELS F. Anti-Dühring. 1875. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/tme_12.pdf. Acesso 24/08/2020.
7. ENGELS F. Dialética da Natureza, ed. russa, 1952.
8. EQUIPE DE PROFESSORES DA USP. Manual de Economia. 7ma Edição. Editora. Saraiva. 2017.
9. GARCIA G. Elementos de Filosofía Marxista. Editora: Gente Nueva. 1981.
10. GARCIA G. Filosofía y Economía Política en el Anti-Düring. Editorial Ciencias Sociales, La Habana, 1982.
11. GERMER C. Contribuição ao entendimento do método da economia política. 2010. Disponível em: <https://adrianonascimento.webnode.com.br/news/contribui%C3%A7%C3%A3o%20ao%20entendimento%20do%20metodo%20da%20economia%20politica%2C%20segundo%20marx%20%28por%20claus%20germer%29/>. Acesso 24/08/2020.
12. LÊNIN V. Materialismo y empirio-criticismo. Em: Obras completas, Tomo XIV. Akal Editor. 1908.
13. MARX Karl O Capital. Crítica da Economia Política. Livro Primeiro: O processo de produção do capital. Tomo I, II e III. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo 1996.
14. MARX Karl O Capital. Livro Segundo: O Processo de Circulação do Capital. Seção Primeira e Segunda. Editora. Boitempo.
15. MARX Karl O Capital. Livro Terceiro: O Processo Global da Produção Capitalista. Seção Primeira, Segunda e Terceira. Editora. Boitempo.
16. MARX, K. Contribuição à Crítica da Economia Política, página 5 – 6.Ed. 3a SP. 2003.
17. MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista. Petrópolis: Vozes, 1988. [original: 1848]
18. MOLITOV A, & ILINE, S. O que é a Economia Política? Edições Progresso. 1986
19. NOGUEIRA F. Economia em 10 lições. Paulo, Editora UNICAMP, 2000.
20. PAUL A. SAMUELSON & WILLIAM D. NORDHAUS (1976) **Economía**. Pág. 4. 18va Edición 812 Páginas, 2011.
21. ROGER E. BACKHOUSE E STEVEN G. MEDEMA. Retrospectivas: Sobre a Definição de Economia. Em: The Journal of Economic Perspectives Vol. 23, No. 1 (Winter, 2009), pp. 221-234 (14 páginas). Disponível em: https://www.jstor.org/stable/27648302?seq=1#metadata_info_tab_contents. Acesso 23/08/2020.
22. SANDRONI P. Novíssimo dicionário de economia. Editora, Best Seller.1999.

23. SWEEZY P. Teoria do desenvolvimento capitalista. SP. Abril cultural. 1983.

24. TEIXEIRA A. Marx e a Economia Política: a crítica como conceito. Econômica, no.4, pp. 85-109. Dez. 2000.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acidentes de trânsito 298, 299, 300, 301, 305, 308, 309, 310, 311

África 46, 52, 55, 68, 79, 107, 117, 247, 252, 253, 260, 374, 375, 379

Agricultura 68, 138, 154, 170, 204, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 226, 228, 231, 233, 236, 237, 239, 240, 242, 246, 247, 249, 250, 251, 257, 258, 259, 260, 261, 279, 281, 282, 283, 285, 287, 288, 289

APEC 48, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153

Apicultura 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 251

B

Barreiras comerciais 157, 158, 160

Brasil 35, 36, 37, 40, 41, 43, 45, 47, 48, 50, 51, 52, 79, 83, 86, 93, 104, 118, 128, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 158, 159, 160, 161, 167, 168, 170, 171, 175, 176, 177, 218, 219, 221, 231, 232, 233, 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 262, 265, 295, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 313, 314, 316, 321, 322, 323, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 336, 337, 340, 341, 342, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 380, 382, 385, 386, 398, 399, 408, 415, 418, 421

C

Capital 1, 2, 20, 21, 25, 26, 28, 29, 32, 33, 37, 39, 40, 46, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 55, 60, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 73, 75, 76, 77, 78, 82, 84, 85, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 100, 102, 105, 107, 108, 109, 110, 122, 125, 126, 162, 170, 173, 178, 179, 188, 189, 192, 193, 196, 199, 206, 242, 246, 255, 256, 257, 273, 279, 281, 283, 284, 285, 287, 292, 299, 300, 301, 305, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 341, 343, 345, 346, 348, 349, 351, 377, 388, 390, 391, 393, 394, 419, 424, 426, 429, 430, 431, 432, 433

Capitalismo 16, 17, 20, 25, 26, 28, 29, 37, 38, 40, 41, 42, 44, 47, 51, 52, 53, 56, 59, 62, 63, 64, 196, 354, 390, 395, 413, 423, 424, 426, 427, 428, 431, 432, 433

CAPM 84, 85, 88, 90, 91, 93

China 64, 102, 114, 142, 143, 144, 147, 148, 149, 157, 159, 160, 161, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 177

Cluster 204, 205, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Comércio internacional 46, 51, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 74, 80, 82, 83, 120, 142, 143, 144, 145, 151, 154, 158, 166, 374

Commodities 46, 69, 84, 142, 144, 152, 157, 158, 166, 347

Comunicação 9, 66, 94, 105, 119, 154, 161, 230, 231, 232, 235, 236, 240, 277, 279, 280, 379, 399, 408, 415, 417, 421, 423, 427, 428, 429, 430, 431, 434

Contratos 79, 199, 200, 203, 376, 411, 412, 414, 415, 416, 418, 419, 420, 422

Cooperativismo 194, 195, 196, 197, 198, 199, 202

Covid-19 69, 81, 114, 263, 264, 269, 270, 271, 419

Crescimento 39, 42, 43, 44, 51, 52, 54, 61, 63, 67, 68, 71, 74, 78, 80, 81, 92, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 102, 103, 107, 108, 114, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 142, 144, 153, 159, 166, 167, 176, 177, 206, 221, 248, 253, 254, 255, 256, 258, 272, 273, 274, 275, 276, 290, 295, 319, 330, 335, 345, 346, 347, 348, 350, 351, 353, 357, 372, 375, 376, 378, 399, 407, 419, 424, 426

D

Desenvolvimentistas 35, 36, 37, 39, 42, 43, 45

Desenvolvimento 2, 3, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 28, 29, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 58, 66, 67, 68, 69, 71, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 92, 94, 95, 96, 98, 99, 102, 103, 104, 114, 121, 143, 144, 145, 153, 154, 175, 204, 205, 206, 207, 218, 219, 221, 231, 232, 237, 240, 242, 243, 247, 249, 253, 254, 255, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 272, 274, 276, 279, 296, 297, 312, 315, 317, 319, 320, 321, 323, 325, 326, 330, 336, 339, 340, 341, 344, 345, 347, 348, 351, 352, 357, 365, 366, 367, 371, 375, 379, 414, 420, 423, 424, 434

Dólar 64, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 384

E

Economia 1, 2, 9, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 50, 51, 57, 58, 61, 64, 65, 66, 68, 71, 74, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 92, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 143, 144, 145, 147, 153, 154, 158, 163, 166, 175, 176, 177, 204, 205, 206, 207, 218, 220, 224, 231, 232, 233, 239, 240, 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 274, 276, 295, 296, 297, 312, 322, 326, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 336, 337, 339, 340, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 364, 365, 366, 367, 370, 371, 372, 375, 376, 378, 379, 380, 397, 409, 413, 420, 421, 422, 426, 432, 433, 434

Eleições 397, 398, 399, 400, 404, 406, 407, 408, 409

Embargo 134, 157, 158, 159, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 183, 185, 186, 187, 191, 194, 196, 197, 198, 201, 267, 383, 386, 388

Empresas 52, 53, 68, 70, 71, 74, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 92, 96, 103, 108, 109, 110, 111, 112, 115, 117, 122, 135, 142, 178, 179, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 237, 246, 250, 256, 260, 261, 263, 274, 275, 280, 285, 329, 331, 337, 341, 342, 346, 348, 349, 353, 354, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 376, 377, 378, 382, 388, 389, 390, 391, 393, 394, 395, 412, 414, 416, 417, 418, 419, 421, 422, 426, 434

Estado 25, 29, 30, 37, 38, 39, 42, 46, 47, 49, 53, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 74,

75, 81, 94, 96, 97, 98, 103, 106, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 124, 129, 153, 183, 186, 190, 192, 196, 197, 198, 199, 204, 205, 206, 219, 222, 226, 231, 232, 240, 242, 248, 250, 252, 254, 258, 261, 266, 272, 273, 274, 294, 295, 296, 297, 301, 302, 303, 305, 312, 313, 315, 316, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 345, 367, 370, 371, 372, 378, 379, 394, 395, 396, 400, 404, 413, 417, 433

Estados Unidos 44, 51, 52, 53, 129, 132, 134, 136, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 157, 159, 161, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 248, 265, 267, 269, 271, 359, 382, 398, 414

Exportações 53, 73, 74, 80, 87, 102, 116, 125, 127, 128, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 152, 153, 157, 158, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 169, 174, 175, 177, 248, 367, 373, 374, 375

F

Falência 37, 110, 353, 358, 360, 361, 364

G

Games 423, 424, 426, 428, 432

Globalização 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 296, 411, 412

I

Ideologia 1, 2, 4, 5, 6, 20, 21, 64, 433

Imperatriz 272, 273, 274, 275, 276, 277, 279, 280, 290, 292, 293, 294, 295, 296, 297

Investimento 40, 42, 47, 63, 66, 67, 68, 69, 71, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 90, 92, 93, 96, 100, 103, 107, 108, 109, 110, 116, 117, 122, 126, 127, 154, 162, 163, 174, 243, 248, 258, 260, 315, 319, 323, 325, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 357

L

Liberais 35, 36, 37, 45, 62, 158

M

Marketing 108, 196, 219, 220, 221, 222, 225, 226, 231, 239, 240, 241, 365, 366, 368, 373, 379, 380, 422

Materialismo 1, 8, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 20, 33

Mercado 25, 30, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 62, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 74, 77, 79, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 105, 106, 108, 109, 111, 114, 115, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 129, 135, 137, 138, 139, 142, 147, 152, 153, 158, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 170, 174, 175, 177, 186, 187, 188, 189, 197, 202, 221, 222, 229, 231, 232, 234, 237, 241, 246, 247, 253, 255, 260, 265, 266, 329, 331, 332, 333, 334, 335, 340, 341, 345, 347, 365, 367, 369, 370, 373, 374, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 384, 387, 393, 394, 395, 396, 413, 417, 424, 426, 428, 432

Moçambique 66, 67, 68, 69, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 100, 102,

103, 104, 105, 106, 107, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 123, 124, 127, 128, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 259, 260, 261, 262, 365, 366, 367, 368, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 378, 379, 380

Modelo gravitacional 141, 142, 143, 145, 146, 150, 151, 152, 153, 272, 276, 277, 278, 279, 292, 293

Mortalidade infantil 312, 313, 314, 315, 316, 317, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328

N

Neoliberalismo 50, 54, 55, 56, 64

P

Paraísos fiscais 66, 67, 69, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83

Pernambuco 218, 298, 299, 301, 302, 303, 304, 305, 307, 308, 309, 310, 312, 313, 315, 316, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327

Piauí 204, 205, 206, 207, 209, 210, 211, 213, 214, 216, 218, 309, 316

PIB 68, 71, 80, 81, 92, 98, 100, 101, 102, 107, 113, 116, 117, 127, 129, 132, 139, 141, 145, 146, 151, 152, 153, 157, 160, 167, 168, 172, 173, 174, 175, 219, 260, 263, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 300, 329, 334, 336, 337, 339, 342, 343, 344, 346, 347

Política monetária 86, 98, 103, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 348, 378

Portugal 51, 76, 83, 104, 117, 118, 338, 353, 356, 361, 362, 363

Produção 2, 8, 10, 12, 16, 17, 18, 19, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 39, 40, 41, 42, 43, 47, 50, 51, 52, 53, 54, 58, 60, 62, 63, 72, 73, 74, 82, 95, 96, 107, 116, 122, 128, 142, 144, 157, 158, 162, 163, 164, 165, 166, 168, 170, 172, 173, 175, 204, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 219, 222, 223, 225, 227, 229, 233, 235, 238, 239, 242, 243, 246, 247, 248, 249, 250, 252, 253, 256, 258, 260, 261, 263, 274, 279, 281, 294, 341, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 418, 424, 427, 428, 430, 431, 432, 433

Q

Qualidade 10, 12, 13, 14, 15, 71, 82, 91, 102, 103, 116, 142, 223, 224, 225, 227, 229, 235, 239, 248, 255, 256, 261, 273, 298, 300, 314, 315, 322, 323, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 360, 361, 363, 365, 368, 369, 370, 373, 374, 375, 376, 379

R

Recursos naturais 46, 51, 73, 79, 85, 95, 102, 103, 142, 164, 165, 242, 243, 244, 245, 249, 253, 256, 258, 260, 261, 371

Redes sociais 230, 232, 233, 234, 235, 236, 397, 398, 399, 400, 403, 407, 408, 409

S

Saúde 32, 71, 82, 95, 96, 158, 159, 224, 225, 227, 232, 253, 256, 257, 273, 279, 280, 281, 283, 285, 289, 294, 298, 299, 300, 301, 302, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 353, 354, 355, 357, 360

Smart contracts 411, 412, 416, 417, 419, 420, 421, 422

Subdesenvolvimento 40, 45, 48, 55

T

Terra 12, 14, 29, 48, 56, 73, 164, 165, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 243, 246, 249, 251, 254, 258, 259, 299, 338, 340, 341, 343, 349, 352, 421

Trabalho 1, 2, 3, 4, 7, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 35, 36, 39, 47, 50, 51, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 72, 73, 77, 80, 88, 95, 96, 106, 117, 122, 141, 143, 145, 146, 152, 159, 160, 162, 164, 166, 167, 170, 173, 192, 205, 206, 218, 227, 233, 234, 243, 250, 252, 254, 256, 257, 258, 260, 278, 294, 298, 300, 301, 303, 305, 312, 317, 325, 330, 333, 336, 348, 353, 357, 365, 367, 368, 373, 377, 398, 413, 420, 422, 423, 424, 427, 428, 431, 432

Turismo 68, 135, 138, 139, 221, 237, 258, 259, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396

U

União Europeia 64, 72, 76, 157, 159, 161, 166, 167, 168, 172, 173, 174, 175



- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ECONOMIA:

GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

ECONOMIA:

GLOBALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO 2